

Blumenau em cadernos

TOMO XXXI

*

Maio de 1990

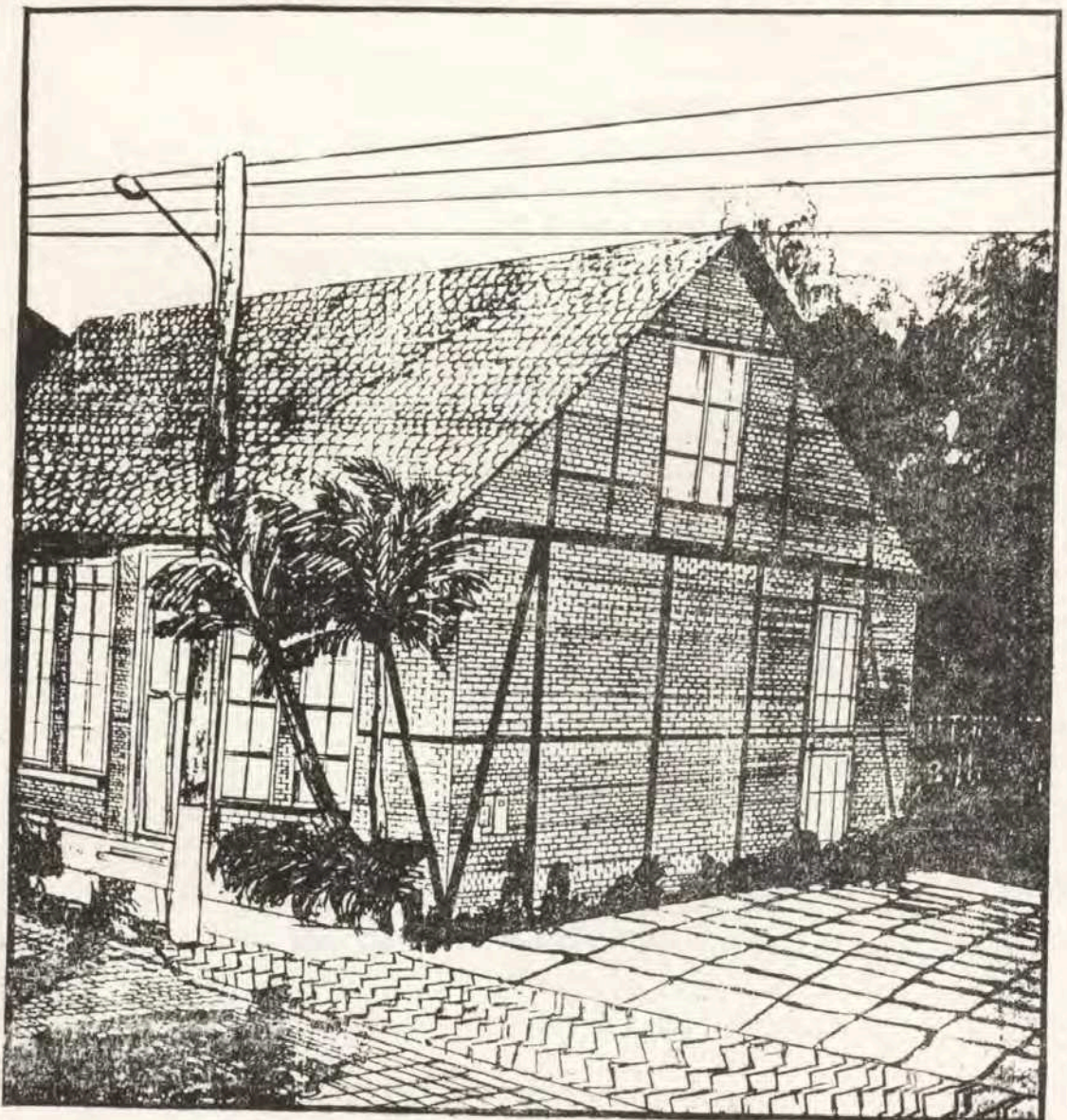
*

Nº. 5

PORTE PAGO

DR/SC

ISR-58 - 603/87,



A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", editora desta revista, torna público o agradecimento aos aqui relacionados pela contribuição financeira que garantirão as edições mensais durante o corrente ano:

TEKA — Tecelagem Kuehnrich S/A.
Companhia Hering
Cremer S/A. Produtos Têxteis e Cirúrgicos
Casa Willy Sievert S/A. Comercial
Gráfica 43 S/A. Indústria e Comércio
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A.
Livraria Blumenauense S/A.
Schrader S/A. Comércio e Representações
Companhia Comercial Schrader
Buschle & Lepper S/A.
João Felix Hauer (Curitiba)
Madeireira Odebrecht Ltda.
Móveis Rossmark
Arthur Fouquet
Paul Fritz Kuehnrich
Dietrich Schmidt
WANGNER — Reutlingen — R.F.A.
Walter Schmidt Comércio e Indústria
Eletromecânica Ltda.
Cristal Blumenau S/A.
Moellmann Comercial S/A.
Casa Mayer
Lindner, Herwig, Shimizu — Arquitetos e Associados
Sul Fabril S/A.
Auto Mecânica Alfredo Breitkopf S.A.
Maju Indústria Textil Ltda.
HOH Máquinas e Equipamentos Ind. Ltda.

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXI

Maio de 1990

Nº. 5

SUMÁRIO

Página

| | |
|--|-----|
| Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos | 130 |
| Subsídios Históricos | 134 |
| A publicidade comercial até o começo do século através da imprensa local | 135 |
| Autores Catarinenses | 137 |
| Os alemães na floresta brasileira | 139 |
| Aconteceu... Abril de 1990 | 155 |
| Apicultura — Caso das Abelhas | 158 |
| Cartas | 157 |

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 n.ºs.) Cr\$ 100,00 + 50,00 (porte) = Cr\$150,00
Número avulso Cr\$ 15,00 — Atrasado Cr\$ 30,00

Assinatura para o exterior Cr\$ 600,00 + 200,00 (porte via aérea) Cr\$ 800,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 22-1711
89.015 — B L U M E N A U — S A N T A C A T A R I N A — B R A S I L

Capa - Desenho: Elias Boell Júnior * Clichê: Gentileza da Clicheria Blumenau Ltda.

Registros de Tombo anotados pelos Padres Franciscanos

Termos do Livro de Tombo (X)

Pe. Antônio Francisco Bohn

Ano de 1920

- (1) Provisão de nomeação de Fr. Daniel Hostin novo vigário, uso de ordens e faculdades, em 23.01.
- (2) Provisão de dispensa matrimonial em favor de Augusto Strutz e Maria dos Santos, em 15.01.
- (3) Provisão de dispensa matrimonial em favor de Antônio Lucas da Silva e Jordina de Jesus, em 13.01.
- (4) Eleição da diretoria da Conferência Vicentina, em 15.02.
- (5) Provisão anual das capelas da paróquia, em 18.02.
- (6) Provisão anual dos Conselhos de Fábrica da matriz e capelas, em 18.02.
- (7) Provisão de dispensa matrimonial em favor de Nicolau Ling e Paulina Hass, em 17.02.
- (8) Provisão dos coadjutores da paróquia: Fr. Cleto, Fr. Raymundo e Fr. Gaudêncio, em 01.03.
- (9) Provisão de faculdades em favor dos coadjutores, em 01.03.
- (10) Reinício das aulas no Colégio Santo Antônio, em 16.02.
- (11) Celebração da 1a. Eucaristia de 60 crianças na capela S. Isabel, em 01.02.
- (12) Doutrina dos neo-comun-gantes, em 03.02.
- (13) Carta do Sr. Orestes Guimarães, inspetor federal das escolas, em 08.03.
- (14) Provisão de licença de casamento em favor de Bernardo e Margarida Wallau, em 26.03.
- (15) Circular a respeito das escolas católicas, em 19.03.
- (16) Celebração da 1a. Eucaristia de 116 crianças na matriz, em 11.04.
- (17-18) Provisões de dispensa matrimonial em favor de Maximiano Francisco de Novaes e Carolina de Novaes, de José Francisco Cardoso e Maria Cardoso, em 12.04.
- (19) Celebração da 1a. Eucaristia de 89 crianças na capela Santa Inês de Indaial, em 18.04.
- (20) Provisão de dispensa matrimonial em favor de Reinoldo Alves e Leontina Rodrigues, em 22.04.
- (21) Celebração da 1a. Eucaristia na capela São José de Teste Salto, em 25.04.
- (22) Provisão de dispensa matrimonial em favor de Bernardo e Maria Büttgen, em 03.05.
- (23) Requerimento e concessão para instalação de duas escolas paroquiais, em 25.04. Resposta positiva do Sr. Bispo, em 05.05.
- (24) Provisão de nomeação de professores para as escolas paroquiais, em 05.05.
- (25) Provisão de dispensa matrimonial em favor de Germano e Maria Flores, em 05.05.
- (26) Prorrogação de faculdades para a aceitação de não-católicos, em 22.05.
- (27) Comunicação do Sr. Antônio Figueiredo sobre a doutrina cristã das escolas, em 09.06.
- (28) Cópia do telegrama do Sr. Diretor da Instrução Pública, referente ao ensino de doutrina cristã, em 09.06.
- (29) Autorização do Sr. Antônio Figueiredo para que sejam dadas aulas de doutrina cristã no gru-

po escolar Luiz Delfino (sem data).

(30) Provisão de dispensa matrimonial em favor de Frederico Orth e Anna Rothers, em 12.07.

(31) Provisão de dispensa matrimonial em favor de Francisco Weege e Paula Frotscha, em 22.07.

(32) Circular da Cúria Episcopal sobre o programa de ensino nas escolas paroquiais, em 19.08.

(33-34) Provisões de dispensa matrimonial em favor de Hugo Phillips e Anna Metzger, (23.08), Jacob Preis e Emilia Hoffmann (23.08).

(35) Pedido de licença para exposição e bênção do SS. Sacramento na matriz, em 19.08. Concedido pelo Sr. Bispo, em 23.08.

(36) Provisão de nomeação para professores da escola paroquial (sem data).

(37) Carta do Sr. Bispo ao vigário sobre a doutrina cristã, em 29.08.

(38) Festa do Senhor Bom Jesus em Indaial, em 08.08.

(39-42) Provisões de dispensa matrimonial (mixtae religionis) em favor de 5 casais da comunidade, em diversas datas.

(43) Jubileu sacerdotal do Rev.mo Pe. Cleto Espey na matriz de Blumenau, em 29.09.

(44) Jubileu sacerdotal do Rev.mo Pe. Fr. Oswaldo Schlenker, vigário forâneo da comarca eclesiástica, na matriz de Blumenau, em 27.10. Consta também a descrição dos festejos.

(45) Circular do Sr. Bispo sobre o retiro espiritual do clero, em 26.10.

(46) Circular do Sr. Bispo referente aos relatórios paroquiais e dos vigários forâneos, em 28.10.

(45) Nomeação de uma comissão pró-reforma da matriz. Provi-

são de aprovação do Sr. Bispo, em 09.11. (1)

(46) Reunião da comissão pró-reforma na Casa São José, em 19.12.

(47) Provisão de dispensa matrimonial em favor de Jacob e Bertha Hahls, em 14.12.

(48) Exames finais das escolas paroquiais: 1) Colégio Sagrada Família (08.12), 2) Colégio Santo Antônio (09.12), 3) Ribeirão Branco (15.12), 4) Rio Morto (16.12), 5) Encano Alto (17.12), 6) Caminho das Areias (18.12), 7) Indaial ... (13.12), 8) Belchior (20.12), 9) Velha (não se realizaram os exames).

(49) Provisão para a administração válida dos sacramentos em favor de Fr. Dionysio Mebus, em 16.11.

(50) Relatório anual: nº. de habitantes católicos (5.600), não católicos (28.000), capelas (9), batizados (320), confissões (20.340), comunhões (61.860), viáticos (90), 1as. eucaristias (170), extrema-unções (95), encomendações (49), casamentos (82), pregações (388), escolas paroquiais (9).

Ano de 1921

(1) Substituição dos coadjutores da paróquia, em 08.01.

(2) Provisão de dispensa matrimonial em favor de Carlos Schmitt e Philomena Krüger, de Paulo Krüger e Maria Schmitt, em 08.01.

(3) Reinício da doutrina de 1a. Eucaristia e das aulas nas escolas paroquiais, em 17.01.

(4) Celebração do 25º aniversário da bênção da capela de S. Inês de Indaial, em 23.01.

(5) Entronização solene do S. Coração de Jesus na Casa Ideal, em 24.01.

(6) Provisão de dispensa ma-

(1) Constata-se este erro na sequência dos termos. Esta numeração segue a do livro original.

trimonial em favor de Ladislao Fisher e Elsa Foch, em 24.01.

(7) Provisão de licença de casamento e moratório particular do casal acima, em 25.01.

(8) Provisão de vigário em favor de Fr. Daniel Hostin e demais coadjutores, em 12.12.1920.

(9) Profissão religiosa de Fr. Inocêncio Wapmiarz, no convento, em 25.01.

(10) Designação de Fr. Daniel Hostin para substituir o vigário de Itajaí (sem data).

(11) Número especial da «Resenha Eclesiástica», por determinação do Sr. Bispo, em dezembro de 1920.

(12) Provisão anual das capelas da paróquia e dos Conselhos de Fábrica das capelas e da matriz, em 02.02.

(13) Provisão de dispensa matrimonial em favor de Oscar Martrugel e Margarida Boehm, em 09.02. O casamento não se realizou.

(14) Reabertura das aulas no Internato Santo Antônio, em 03.02.

(15) Recepção de Tecla Rüediger na Igreja Católica, em 27.02.

(16) Ladainha e solenidades em honra a São José, na matriz, em 10.03.

(17) Reunião do Conselho de Fábrica e resolução da compra de um terreno para o novo cemitério da rua Goiás. Resposta do Sr. Bispo à solicitação do vigário, em 19.03.

(18) Celebração da 1a. Eucaristia na matriz, em 03.04.

(19-21) Nada consta.

(22) Solicitação do vigário ao Sr. Bispo para expor o SS. Sacramento na 1a. quarta-feira do mês para intensificar a devoção a São

José, em 19.03. Concedida em 21.04.

(23) Licença para a celebração de missas em casas particulares, em 21.04.

(24) Início da instrução militar no Colégio Santo Antônio, em 20.04.

(25-27) Provisões de dispensa matrimonial em favor de Hugo Dahmann e Margarida Schuchmacher (21.04), Francisco Baader e Sophia Zoz (21.04), Alberto Modro e Adélia Büttgen (26.04). (2).

(28) Celebração do mês de maio em honra a Nossa Senhora, com grande participação dos fiéis e, ao término, cerimônia de coroação.

(29) Celebração de missa e administração de sacramentos em Braço do Cego, em 03.05.

(30) Celebração da festa do Divino Espírito Santo, em 15.05.

(31) Procissão de Corpus Christi, em 29.05.

(32) Celebração do mês de junho em honra ao Sagrado Coração de Jesus.

(33) Provisão de licença para exposição e bênção do SS. Sacramento na capela das Irmãs da Divina Providência, em 03.05.

(34) Provisão de nomeação de uma comissão pró-construção de nova capela no Garcia, em 31.05.

(35) Provisão de confessor ordinário das Irmãs da Divina Providência em favor do Pe. Júlio Jansen, em 01.05.

(36) Provisão de confessor extraordinário das Irmãs da Divina Providência em favor de Fr. Oswaldo Schlenger, em 03.05.

(37) Passeio das crianças da doutrina para Ascurra, em 12.06.

(38) Comemoração do dia de

(2) A celebração das Bodas de Ferro (65 anos) deste matrimônio de Alberto e Adélia foi realizada em 10.05.1986 na localidade do Vale do Selke e foi presidida pelo Pastor Gustavo Krüeger e pelo autor Pe. Antônio, numa cerimônia ecumênica.

Santo Antônio, padroeiro do Convento e Colégio, em 13.06.

(39) Comemoração dos alunos do Colégio Seráfico, em 21.06.

(40) Término do mês de junho dedicado ao Sagrado Coração de Jesus.

(41) Provisão de dispensa matrimonial em favor de Otto Scheidemantel e Emilia Kraemer, em .. 28.07.

(42) Comemoração de São Luiz de Tolosa, padroeira do Colégio Seráfico, em 19.08.

(43) Provisão de dispensa matrimonial em favor de Nestor Nunes Degau e Rosalina Fisher, em 20.08.

(44) Solicitação de faculdade para absolver uma excomungada, em 12.09. Concedida em 21.09.

(45) Comemoração do dia da criança e consagração aos Sagrados Corações, em 02.10.

(46) Comemoração de São Francisco de Assis, em 04.10.

(47) Comemoração e festa de São Pedro de Alcântara, padroeiro principal do Brasil, (sem data).

(48) Passeio das crianças da doutrina à capela de Belchior, em 27.11.

(49) Comemoração dos 700 anos de fundação da Ordem IIIa. de São Francisco, em 08.12.

(50) Eleição de nova diretoria das Filhas de Maria, em 04.12.

(51) Provisão de dispensa matrimonial em favor de Abel José Dias e Maria Eiroso, em 31.10.

(52) Falecimento de Fr. Capistrano Eising, vice-mestre de noviços, em 18.09.

(53) Provisão de dispensa matrimonial em favor de João Sigler e Edwiges Goebler, em 31.10.

(54) Provisão de dispensa matrimonial em favor de Luiz João da Luz e Maria Carolina de Souza, em 12.12.

(55) Ingresso na Igreja Católica de Elisabeth Octávia da Cunha, filha do Dr. José Bonifácio da Cunha, em 03.12.

(56) Exames finais das escolas paroquiais: 1) Colégio Santo Antônio (10.12), 2) Colégio Sagrada Família (12.12), 3) Encano Alto (12.12), 4) Belchior (19.12.), 5) Indaial (21.12), 6) Rio Morto (22.12), 7) Caminho das Areias (14.12). Por falta de alunos foi fechada a escola paroquial de Ribeirão Branco.

(57) Relatório anual de 1921: Católicos (5.900), não católicos .. (29.000), capelas (11), batizados .. (313), comunhões (63.582), confissões (22.100), extrema-unções .. (102), encomendações (43), casamentos (49), pregações (511), escolas paroquiais (8), alunos (549), associações (6), associados (997).

Anexos: 1. Descrição das escolas paroquiais, denominação de cada uma delas, ano de fundação, professores e número de alunos.

2. Programa alusivo às comemorações do 1º. Centenário da Independência do Brasil na paróquia de São Paulo Apóstolo.

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do «Kolonie-Zeitung» (Jornal da Colônia), publicado na colônia Dona Francisca, a partir de 20 de dezembro de 1862.

Notícia de 9 de janeiro de 1869:

Dona Francisca — Estrada da Serra — A 7 de dezembro do ano passado o Ministério da Agricultura mandou suspender os trabalhos na Estrada da Serra, até segunda ordem. O engenheiro Luis Pereira Dias, nomeado a 14 de outubro de 1868, foi incumbido da elaboração de novo projeto e respectivo orçamento, para o traçado das obras, do atual ponto terminal até a Encruzilhada. O engenheiro Artur de Murinelly, encarregado do traçado da Estrada até Rio Negro, prosseguirá normalmente o seu trabalho. Portanto, não é de se concluir que a construção de estradas tenha sido interrompida. Lastimamos a interrupção das obras no referido trecho, tão importante para a nossa Colônia. Ultimamente os trabalhos já vinham sofrendo bastante com a demora da verba de 5 contos de réis, concedida por contrato à Direção da Colônia, incumbida da construção. Há seis meses a Direção não recebe esta importância.

Notícia de 16 de janeiro de 1869:

Dona Francisca. — Quadro demonstrativo do movimento na Estrada da Serra, durante o ano de 1868:

Do Planalto para a Colônia Dona Francisca.

| | Pessoas | Cavalos | Muare | Reses |
|-----------|---------|---------|-------|-------|
| Janeiro | 69 | 17 | 68 | 113 |
| Fevereiro | 55 | 11 | 24 | 267 |
| Março | 52 | 7 | 38 | 118 |
| Abril | 56 | 8 | 30 | 195 |
| Mai | 66 | 26 | 33 | 87 |
| Junho | 31 | 3 | 15 | 19 |
| Julho | 24 | 6 | 22 | 30 |
| Agosto | 23 | 5 | 20 | 21 |
| Setembro | 60 | 18 | 98 | 34 |
| Outubro | 68 | 18 | 116 | 93 |
| Novembro | 47 | 13 | 71 | 51 |
| Dezembro | 37 | 13 | 53 | 56 |
| Total | 588 | 145 | 588 | 1.084 |

Da Colônia Dona Francisca para o Planalto

| | Pessoas | Cavalos | Muare |
|-----------|---------|---------|-------|
| Janeiro | 108 | 21 | 79 |
| Fevereiro | 78 | 10 | 80 |
| Março | 38 | 10 | 33 |
| Abril | 33 | 8 | 22 |

| | | | |
|----------|-----|-----|-----|
| Maio | 29 | 10 | 40 |
| Junho | 25 | 6 | 19 |
| Julho | 34 | 5 | 29 |
| Agosto | 22 | 3 | 16 |
| Setembro | 55 | 21 | 64 |
| Outubro | 58 | 17 | 135 |
| Novembro | 40 | 11 | 59 |
| Dezembro | 27 | 6 | 33 |
| Total | 547 | 128 | 599 |

A coleção do «Kolonie-Zeitung» faz parte do acervo do Arquivo Histórico Municipal de Joinville.

A PUBLICIDADE COMERCIAL ATÉ O COMEÇO DO SÉCULO ATRAVÉS DA IMPRENSA LOCAL

Açougueiros

Blumenauer Zeitung - Nº. 22
Sábado, 28 de maio de 1887.
Ano 7

Publicação da Sociedade dos Açougueiros da Vila de Blumenau. Divulgam nova lista de preços.

Alfaiate instalações

Blumenauer Zeitung - Nº. 24.
Sábado, 11 de junho de 1887.
Ano 7

C. A. Gruner — mestre alfaiate — anuncia suas novas instalações no início do mês vindouro em frente a Igreja católica.

Liquidação

Blumenauer Zeitung - Nº. 25.
Sábado, 18 de junho de 1887.
Ano 7

F. Schrader, comunica liquidação.

Liquidação

Blumenauer Zeitung - Nº. 26.
Sábado, 25 de junho de 1887.
Ano 7

Gustav Baumgarten comunica liquidação até fins de junho.

Oferta de tintas

Blumenauer Zeitung - Nº. 37.
Sábado, 10 de setembro de ..
1887. - Ano 7.

Paul Hering — pintor oferece tintas a óleo em branco, vermelho, azul, amarelo e preto, prontas para pintura em 10 horas. Tintas em latas de manteiga, por kilo — 800 Rs, mais tintas secas, giz, lacre, a preços baratíssimos.

Arredamento

Blumenauer Zeitung - Nº. 39.
Sábado, 24 de setembro de ..
1887. - Ano 7.

W. Seelinger devido a sua ida-
de avançada pretende arrendar
seu negócio localizado na Itoupava.
Blumenau, 13 de setembro de
1887.

Transferência administração

Blumenauer Zeitung - Nº. 52.
Sábado, 24 de dezembro de ..
1887 - Ano 7.

Jacob Schmidt, comunica que
entregou a administração de seu
moinho no Ribeirão Caethé ao se-
nhor Christian Dietrich,

Exportação de Blumenau

Blumenauer Zeitung - Nº. 33. Sábado, 13 de agosto de 1887. Ano 7.

A exportação no quadriênio 1883- 1887 de nosso município:

| QUILOS | BANHA | TRIBUTO | |
|-----------|--|------------|----|
| 366.577 | Banha | 1:012\$133 | Rs |
| 76.728 | Carne | 153\$456 | Rs |
| 252.966 | manteiga | 756\$561 | Rs |
| 535.576 | açúcar | 1:071\$152 | Rs |
| 42.299 | fumo | 211\$495 | Rs |
| 1.054 | cera | 5\$270 | Rs |
| 2.073 | toucinho | 41\$460 | Rs |
| SACOS | | | |
| 3.396 | farinha | 67\$920 | Rs |
| 3.505 | milho | 70\$100 | Rs |
| 386 | batatas | 7\$720 | Rs |
| LITROS | | | |
| 25.735 | aguardente | 125\$735 | Rs |
| 3.408 | vinho | 3\$408 | Rs |
| MILHEIRO | | | |
| 4:397.000 | charutos | 879\$400 | Rs |
| PEÇA | | | |
| 1.748 | peles | 139\$840 | Rs |
| | Em tábuas, madeira para construção em dúzias | | |
| 32.506 | | 3:262\$380 | Rs |

Recebimento de Tintas da Alemanha

Blumenauer Zeitung - Nº. 2.
Sábado, 14 de janeiro de 1888.
Ano 8

Paul Hering comunica que recebeu da Alemanha tintas e pincéis que recomenda aos pintores.

Conserta sombrinhas e fabrica escovas

Blumenauer Zeitung - Nº. 6.
Sábado, 11 de fevereiro de 1888
Ano 8

Carl Gottlieb Weisse, comunica que repara sombrinhas e guarda-chuvas bem como fabrica escovas.

Estoque de roupas recebidas

Blumenauer Zeitung - Nº. 2.
Sábado, 14 de janeiro de 1888.
Ano 8

Gustav Baumgarten publica e anuncia seu estoque de roupas recebidas ultimamente.

Prestação de Contas

Blumenauer Zeitung - Nº. 15.
Sábado, 14 de abril de 1888.
Ano 8

Asseburg e Willerding publicam que o senhor Gottlieb Reif não

ficou devendo nada à sua firma ou aos associados.

Venda de sementes

No mesmo jornal e mesmo número segue a nota: Victor Gaertner oferece sementes frescas recém vindas da Europa.

Oferta produtos coloniais

Blumenauer Zeitung - Nº. 22.

Sábado, 2 de junho de 1888.

Ano 8

F. Blohm, oferece todos os produtos coloniais.

AUTORES CATARINENSES

ENÉAS ATHANAZIO

É cada vez mais visível o desinteresse geral pela produção dos escritores catarinenses. Parece que o meio cultural do Estado entrou em letargia, o que, pelo que me consta, parece acontecer também em outras regiões e até nos grandes centros. Raros professores, eles próprios escritores ou poetas, acompanham o que se passa em Santa Catarina. Os demais ignoram olímpicamente os esforços de quantos se dedicam a escrever aqui entre nós.

Exemplo bem marcante do que acabo de dizer foi o silêncio que recaiu sobre a coletânea «Presença da Literatura Catarinense», organizada por Celestino Sachet e Iaponan Soares (Editora Lunardelli — Florianópolis — 1989). Embora tenha recebido os maiores elogios de escritores de outros Estados, a quem tenho remetido exemplares, não encontrei até agora um só comentário ou mesmo nota sobre a obra e não me consta que tenha merecido alguma recomendação para leitura ou simples referência informativa em aula. Não sei se isso significa uma condenação em bloco a tudo que o livro contém ou constitui atitude esnobe de quem pára nas alturas e retorce o nariz à simples idéia de olhar para os lados e ver o que está perto. Seja qual for o motivo, é uma atitude prejudicial ao nosso Estado. Pelo que tenho visto, nada me convence que a nossa produção seja diferente do que vai por aí, exceção feita de uns poucos, os ditos «consagrados», que todo mundo vive a elogiar sem que eles precisem disso e do que nem sequer tomam conhecimento.

«Presença da Literatura Catarinense», no entanto, é um livro importante, fornecendo ao leitor uma visão de conjunto de nossas letras, desde os viajantes e pioneiros até os dias de hoje. Não é coisa que se rejete **in limine**, sob pena de grave omissão.

Com uma seleção que exigiu o exame de vastíssima bibliografia, a coletânea reúne os textos mais expressivos dos autores de todos os períodos, desde os referidos viajantes e pioneiros, passando pelo barroco, ar-

cadismo, romantismo, simbolismo, realismo, parnasianismo e modernismo, até os grupos e tendências contemporâneos. Cada bloco é precedido de breve nota introdutória e explicativa, situando o leitor diante das circunstâncias históricas em que o texto foi produzido ou a que se refere. O resultado é positivo, permitindo sentir a evolução das letras catarinenses desde seus primórdios até os dias atuais.

O livro procurou contemplar todas as tendências e escolas, marcando cada uma delas com a presença de seus mais expressivos expoentes. Também os grupos que tiveram importância, maior ou menor, estão presentes. E dessa forma a coletânea exibe um panorama tão completo quanto possível de nossa literatura e dá uma mostra de como escreveram nossos conterrâneos do passado e como o fazem aqueles que estão em atividade. Pelo esforço que exigiu de seus organizadores e do editor, assim como pela importância de que se reveste para nós, catarinenses, «Presença da Literatura Catarinense» merece ser lida e divulgada.

Visitei em Joinville, no Museu de Arte, a exposição de Cândido Portinari. Foram expostos oito painéis, todos integrantes da «Série Bíblica», cedidos por empréstimo pelo MASP, a cujo acervo pertencem. «Ressurreição de Lázaro», «A justiça de Salomão», «O sacrifício de Abrahão», «O massacre dos inocentes», «A ira das mães», «As trombetas de Jericó», «O eremita penitente» e «O pranto de Jeremias» foram as obras expostas e, dentre elas, a última me parece a mais expressiva. Portinari, cuja «Casa» visitei em Bródóski, anos atrás, bem como a Matriz de Batatais, por ele decorada, é considerado o maior pintor brasileiro. Razão pela qual a exposição no MAJ está sendo considerada o maior evento artístico do Estado nos últimos tempos.

A fotógrafa catarinense Lair Leoni Bernardoni consolida seu renome internacional ao expor seus trabalhos na «Varig's Icaro Room», célebre galeria da Quinta Avenida, em Nova York. Muito conhecida e aclamada por seu talento, com inúmeras exposições realizadas no Brasil e no Exterior, Lair mereceu, com justiça, extensa reportagem exclusiva no suplemento quinzenal sobre Santa Catarina da revista «Veja», com diversas reproduções de algumas de suas mais belas realizações. À nossa brilhante conterrânea vão os nossos aplausos, desejando êxito na exposição nos Estados Unidos e que outras tantas aconteçam pelo mundo a fora.

Dois livros merecem referência no período: «Narrativas do real e do imaginário», de Iaponan Soares (Editora Noa Noa — Florianópolis — 1990), reunindo contos desse escritor mais conhecido como ensaísta e pesquisador, e «Memória Barriga-Verde», de Manoel Gomes (Editora Lunardelli — Florianópolis — 1990), contendo biografias resumidas de figuras de nosso Estado. Sobre eles voltarei a falar.

Os alemães na floresta brasileira

Tradução do livro de: HUGO ZOELLER,
por CURT WILLY HENNINGS

O autor foi encarregado pelo proprietário do jornal "Koelnischer Zeitung" à viajar pelas colônias de imigração alemã no Brasil para narrar as suas impressões. Concluiu seu trabalho em novembro de 1882. Nesta época havia ligação regular para a América do Sul através de vapores Alemães que faziam a travessia pelo Atlântico.

Como o autor pretendia ficar algumas semanas no Senegal e Gâmbia tomou o Vapor "Orenoque" da Messageries Maritimes de Lisboa para o Rio de Janeiro em 9 de junho daquele ano. Pagou pela passagem, incluindo alimentação e vinho de mesa a importância de 600 marcos. Chegou ao Rio de Janeiro 8 meses após. Com entusiasmo descreve a passagem pela Baía de Guanabara. Conforme o censo de 1872 o Rio de Janeiro contava com uma população de 247.972 habitantes, que por sua vez estava constituída de 84.939 estrangeiros (30 a 35 mil alemães) 48.939 escravos e 141.754 brasileiros incluídos neste número os mulatos e negros livres. Do Rio de Janeiro viajou para a Província de São Paulo. Embarcou em 25 de novembro com o navio Calderon que estava sob bandeira brasileira, mas a oficialidade, cozinha e instalação eram inglesas, sendo a marinhagem brasileira. O navio tocou os Portos de Santos, Cananéia, Paranaguá e Guaratuba.

A COLÔNIA BLUMENAU

"Parti do Porto de São Francisco à noite e testemunhei pouco depois um espetáculo pouco curioso. Desde algum tempo, minha atenção estava voltada para um Veleiro de velas ericadas aproximadamente 1/2 milha (900) atrás de nós com o mesmo curso.

De repente um passageiro chamou minha atenção para o fato contraditório de um veleiro navegar com maior velocidade que o nosso vapor. Simultaneamente com a aproximação aumentavam as proporções do veleiro com sua velocidade fantástica e o contraste de suas velas pretas com as tonalidades adjacentes. Intencionamos chamar a atenção do comandante sobre o fe-

nômeno mas, desistimos visto estar ele muito ocupado e inquieto. Temporariamente uma faixa de neblina tirou nossa visão do veleiro preto. Tensos aguardamos os acontecimentos mas o veleiro não se aproximou, foi se afastando e desapareceu envolto na névoa numa das numerosas baías.

Meu companheiro de viagem estava agitado e mesmo horas depois da lua brilhar com os bancos de nevoeiro não falava-se de outra coisa do Fhiegenger Hollaender, que não podia tratar-se de um veleiro real, mas sim de uma aparição semelhante a miragem visto o colorido negro e as dimensões gigantescas, os contornos imprecisos e a velocidade anormal do navio aparente. Quando ao despertar do dia seguinte apareceu no convés o comandante, este desenvolvia a mesma atividade inquieta, numa mão segurava um binóculo na outra uma linha de sondagem afirmando serem os meses de agosto e setembro críticos de nevoeiro.

O sol nascia mas a sua posição no firmamento só se podia adivinhar, nem tampouco visualizar a costa. As sucessivas mudanças de rumo por todo o quadrante a cada quarto de hora não inspirava confiança. Três ou quatro horas depois ouvimos um ruído bem na nossa proa que foi identificado como sendo da arrebentação. O rumo foi alterado e o mesmo ruído veio do outro lado. Um pouco mais tarde o sol já alto, dissolveu o nevoeiro e apareceram alguns picos sucessivamente outros mais e a posição do navio foi determinada como sendo próxima à barra do Itajaí. Esta barra, desde a enchente de 1880 (setembro) que assolou Blumenau e todo o Vale do Itajaí, assorriu de forma tal o leito que atualmente somente navios com um calado de 6 pés (1.80) podiam passar a barra sendo que em anos anteriores tinha condições para 20 pés de profundidade. Agora se espera que a terra de aluvião carregada das margens se formem novamente estreitando a passagem, aumentando, e desta forma aprofundando o leito.

Antes de encerrar a narração de minha viagem no São Lourenço, algu-

mas considerações e observações sobre a alimentação de bordo. O que mais chama a atenção do europeu na América do Sul é a falta de higiene, a sujeira generalizada da pior espécie. Quando nas Ilhas do Sul, moças e velhos, homens e mulheres mastigam a raiz de Kawa e a cospem num tacho primitivo e após curta fermentação a oferecem aos estranhos, isto não é apetitoso em nosso conceito, mas afirmo que teria preferido, em muitos casos, ter tomado Kawa do que participar de uma refeição brasileira.

Há, entre vários povos semi-civilizados como os das ilhas do Sul, malaios e chineses, costumes que nós consideramos repugnantes, mas no conceito destes povos não são anti-higiênicos, não provêm de displicência, mas de um conceito diferente do nosso. O bairro Chinês de São Francisco ou de Singapura emana um cheiro infame, mas numa aglomeração humana num espaço restrito, dificilmente um povo europeu seria capaz de manter tamanha limpeza. Mesmo comendo vermes e outra bicharia, fisicamente este povo que se banha diariamente nos rios é mais limpo que o habitante de Paris ou Londres, em geral a gente pode se habituar a Kawa dos insulares do Sul tomando em consideração seus dentes perfeitos e o funcionamento regular do seu aparelho digestivo. Em contraposição, a falta de higiene do brasileiro é mais profunda e menos justificável. Beber de um mesmo copo, comer de um mesmo prato, nos é quase repelente pois os restos de resíduos tuberculosos é o menos que se apresenta ao estranho. No Palácio Real de São Cristóvão, no Rio de Janeiro, me foi dado conhecer casualmente e incognitamente a cozinha e dispensa. O que me foi dado ver foi o suficiente para estragar meu apetite para várias iguarias, principalmente entre as variedades doces.

Estavam lá vários jovens que se fossem jogados numa parede certamente ficariam colados. Estavam amassando com seus dedos sujos uma massa para pastéis. O que vi omito detalhes por motivo que o leitor saberá reconhecer. Vi prezado leitor na Itália ou Espanha essas figuras de mendigos com aparências repugnantes e horríveis; por intenção ou capricho da natureza, desse tipo era o garçon. Um pé metido num tamanco e outro numa bota de verniz rasgado. A calça larga em trapos saturado de sujeira; envolvia

suas pernas vacilantes; a jaqueta apresentava mostras de todas as sujeiras encontradas no navio e do seu rosto podia-se raspar a sujeira. Neste navio São Lourenço tomei minhas refeições e por este garçon fui servido. Usando o navio pela segunda vez trouxe de Joinville, meus mantimentos próprios, providência recomendável, mas que ofendeu profundamente o comandante, cavalheiro da mais pura estrela brasileira. Fui obrigado a esperar três dias em Itajaí, aguardando uma oportunidade para viajar para Blumenau. Neste meio tempo fiquei numa hospedaria alemã nada recomendável (Hotel D. Pedro II), fui cumulado de gentilezas pelo Sr. Cônsul Assburg. A pequena cidade portuária, apesar dos arredores estar cercado de montanhas, está situada numa praia arenosa, tendo sofrido com a referida enchente de 1880.

Entre os 1.300 habitantes, estão 300 alemães. No Porto, entre os trabalhadores que carregavam e descarregavam os navios, encontram-se brasileiros, alemães e negros, numa mistura colorida; e quando menciono que se encontravam no Porto dois navios de bandeira alemã, creio ter relatado tudo. Do porto de Itajaí alcança-se o vapor "Progresso" (14 toneladas de carga útil) que iniciou suas viagens em dezembro de 1879 e pertencía a uma Sociedade não subsidiada pelo Governo. Uma viagem rio acima para Blumenau levava em condições normais 7 a 8 horas. Esta viagem feita por uma região montanhosa com lindas florestas ainda em parte nativas, se desenrola numa variada paisagem. As copas das árvores cobrem as margens do rio sob o qual talvez se esconda um atisco jacaré ou crocodilo brasileiro. O rio, ao estreitar-se, mostra uma curva fechada onde, entre lindas encostas verdes, se forma uma paisagem suave e agradável. Em outras partes do Reno entre Bohn e Colônia, se repete o mesmo.

O rio é talvez dez ou vinte vezes mais largo e volumoso que o Cachoeira de Joinville. Com sua desembocadura rasa e larga, sofre as influências das marés.

O Itajaí tem numerosas curvas, semelhantes ao Cachoeira, curvas que dobram a distância de 51Km do Porto de Itajaí a Blumenau. A influência das marés se faz sentir até a cidade, ponto até o qual é navegável com barcos de 4 a 5 pés de calado. A terra em ambas as margens, até os limites da Colônia,

é esparsamente povoada e pertence a alguns latifundiários que pouco se dedicam às suas terras e não evitam o povoamento de gente inútil. Todos os ranchos de madeira que de vez em quando se vê nas margens, não têm o menor direito sobre as terras que ocupam, mas nem o Imperador tem condições de removê-los. Esta gente vegeta com o que uma pequena parcela de terra produz sem muito esforço duma maneira indigna a um ser humano. É flagrante como o brasileiro pode viver duma maneira bem mais modesta do que o alemão. Na década dos cinquenta, quando os primeiros imigrantes com destino a Joinville chegaram a São Francisco, não existia lá uma única janela com vidro e sei por experiência própria que mesmo em localidades brasileiras maiores, não existem hospedarias no estilo europeu. Quando surge uma hospedaria alemã com uma boa cozinha os brasileiros apreciam e usam largamente este conforto.

Mas voltemos deste desvio, à viagem a Blumenau. Era, ao partir de Itajaí, rio acima, exatamente domingo e em todos os lugares onde existiam algumas casas via-se mulheres e moças brasileiras com vestidos e casacos quinhos bem lavados, de algodão azul claro ou cor de rosa, descalças, sem meias e aparentemente sem nada por baixo. No momento, as viagens com o Progresso são o meio de transporte mais confortável, pois as viagens de canoa a remo levam 12 a 15 horas e são um martírio. As viagens a cavalo são arriscadas e não permitem o transporte de bagagem. Mas a viagem com o Progresso também tem os seus problemas: em vez de 7 ou 8 horas de viagem, levei 22 horas, passando fome e frio. Não sei o porque, mas acharam por bem partir somente às 9:30. Paravam em cada lugar 30 minutos e uma hora para descarregar meia dúzia de volumes. A situação tornou-se mais misteriosa quando, ao escurecer, entramos numa baía escura e nos foi dito que iríamos aguardar o nascer da lua. A lua não nasceu. Os viajantes começaram uma bebedeira acompanhada de cantigas. Já durante o dia, alguns colonos, de uma petulante curiosidade à maneira americana, fizeram notar a sua presença e a noite foi bem mais desagradável, uma vez que não se podia dormir com o barulho de sapos, queimadas de capoeiras, grilos e centenas de pirilampos que proporciona-

vam um passatempo e entretenimento. Somente ao nascer do sol do dia seguinte prosseguimos a viagem por uma corredeira difícil que de forma alguma poderíamos ter passado durante a noite. Aportamos em Blumenau às 8 horas. A colônia Blumenau foi fundada em 28 de agosto de 1852, pelo Dr. Blumenau, de Brunswique. Veio como químico da Europa e foi impedido de sitiar-se no Rio Grande do Sul pela Revolução que lá havia irrompido. Nos seguintes oito anos gastou quase todos os seus bens pessoais, na penosa luta de manter o seu empreendimento. Em 13 de janeiro de 1860, a Colônia foi adquirida pelo Governo Imperial e o seu fundador nomeado mercedamente seu diretor.

Blumenau foi a única entre todas as colônias estatais brasileiras cuja direção esteve durante décadas sem interrupção, nas mãos de uma única pessoa e um alemão. Todavia, não sem a contestação dos caçadores de empregos. No dia 26 de abril de 1880, o Governo tomou a decisão de emancipar grande parte da Colônia (até o núcleo de Aquidaban) sem, que as vantagens que se contrapunham as vantagens advindas da emancipação fossem mantidas. Simultaneamente enviaram para a recuperação das estradas danificadas pela grande enchente de 1880, uma comissão de engenheiros, cujas competências estavam mal definidas. Com a emancipação deveria seguir prontamente a instalação do Município mas o partido da situação tinha bons motivos para se opor. O Dr. Blumenau continuou como o diretor de uma parte da Colônia até 1882. No fim do ano de 1880, a população estava constituída de 14.981 pessoas (entre estas: 12.563 alemães e austríacos, 947 italianos e 1.467 brasileiros) e em todo o Vale do Itajaí-Açu 19.000. O excedente de nascimentos sobre os falecimentos é muito grande (no ano de 1880 era de 629 para 78). A imigração vinda da Europa foi de apenas 432 pessoas. O Estado brasileiro, lamentavelmente dispersa os poucos imigrantes que vieram por iniciativa própria, talvez intencionalmente, pela numerosas e pequenas colônias, como também pelas províncias meridionais. O desenvolvimento da Colônia Blumenau foi prejudicado sensivelmente pelas cheias de 1880. O vale do Itajaí, assemelhava-se, naquela ocasião, a um grande lago; no centro as águas subiram até o segundo andar

das casas e, sem o auxílio do Vapor Progresso, muitas pessoas teriam perecido.

Agora, as plantações, estradas e casas estão recuperadas, graças ao louvável esforço, mas os danos ainda far-se-ão sentir por muitos anos.

Blumenau cedeu por muito tempo, grande parte de sua produção, por preços bons, aos imigrantes de Brusque e outras colônias. Dedicou-se ainda hoje, à produção de gêneros alimentícios como farinha, de mandioca e outros, mas que devido aos baixos preços, são quase invendáveis. Pode-se afirmar que os alemães desta área estão afixados pelo excesso de produção que não encontra mercado. No ano de 1879 a importação de Blumenau foi de 502 contos (1 milhão de marcos). Esta seria maior se os colonos tivessem um bom produto de exportação (a exportação de 1879 foi 970 mil marcos e de 562 mil marcos no ano de 1880).

Relatavam-se que no Rio de Janeiro todas as tentativas para produzir a manteiga, presunto, banha etc... no mercado local foram mal sucedidas pela falta de habilidade na competitividade com os produtos vindos dos fornecedores tradicionais. O futuro de desenvolvimento da Colônia depende da construção de boas estradas, sem esta a mesma está fadada a vegetar. O atual estado das vias de transporte, impossibilitam o escoamento da produção dos colonos situados Rio acima.

A sede de Blumenau é aprazível, num cenário com florestas, montanhas e que recebe um colorido especial com o magestoso Itajaí e seus numerosos afluentes. Existe praticamente uma única rua, não muito movimentada. Os edifícios (Casa da Diretoria da Colônia, Hospital, Igrejas Evangélica e Católica etc...) são magníficas, como também são a maioria das casas situadas em extensas propriedades, mas para poupar área são construídas em dois pavimentos. Não consegui saber qual a população do núcleo, mas deve ser muito pequena, pois na concepção da Colônia não há lojas especializadas, ou um ou mais comerciantes vendem tudo o que a população necessita. A atividade local recrudesce aos domingos. Cavalos e mulas trelados nas variadas viaturas estão às portas das casas de comércio com mulheres e crianças de feições robustas, cabelos louros dourados. Os colonos vêm dos arredores; as

mulheres e moças, montam à maneira dos homens mas, aparentemente, isso não faz com que se sintam à vontade. Achei ainda mais curioso o fato de algumas mulheres montarem à maneira feminina em celas masculinas, isto é, conseguindo manter-se sentada nesta posição em trote e galope. Isto se deve a longa prática, onde rapazes e moças montam sem o uso de sela utilizando-se de uma simples corda como arreio.

Durante minha permanência em Blumenau, me hospedei na Pensão Schrepp, onde se paga uma diária de 2 a 3 mil réis (4 a 6 marcos). Recebe-se boa alimentação em todas as Colônias Alemãs, não há falta de carne de vaca, bezerro, porco, galinhas, ovos, verduras, batatas inglesas, café, açúcar, laranjas etc... Como bebida, servem quase que exclusivamente (além de cachaça, café e chá) cerveja de produção local preparada com malte e cevada importada da Europa.

A SITUAÇÃO ECONÔMICA

Face às dificuldades não é próprio o consumo de vinho e cerveja importadas. Outrora Blumenau tinha o cognome "A divertida" e se caracteriza pelos inúmeros Clubes, os quais tinham os mesmos sócios. Desde a enchente de 1880 domina um certo desânimo que se revela no fato de não ter sido levado ao palco nenhuma peça de teatro amador. O Kulturverein, ocupava um lugar relevante entre os clubes de Blumenau. Com aproximadamente 200 sócios, tem se dedicado primordialmente aos problemas de ordem agrícolas como também aos sociais.

A pessoa mais importante da Colônia é naturalmente seu fundador. Um homem com os mais elevados intuitos, às vezes não compreendido nas suas intenções, atribuindo-lhe um lado de propósitos egoísticos e de outro o acusam pela falta de egoísmo, alheio a realidade e senso prático que o está amargurando, apesar de tudo que realizou.

Blumenau, bem como D^a. Francisca, possuem um manancial relativamente grande de pessoas que mesmo sem encargos públicos, dado sua posição social, tem alta qualificação para a Direção da Colônia. Entre estes quero citar o senhor Victor Gaertner (Cônsul Alemão sobrinho do Dr. Blumenau) e o muito conhecido em amplos círcu-

los europeus, o naturalista Aug. Mueller (Nota: houve um equívoco do autor: trata-se de Fritz Müller, grande admirador de Darwin).

Exercem a atividade de médico o Dr. Koeler, e o farmacêutico Dr. Eberhardt. Com o Sr. Avé-Lallemant a administração colonial dispõe de um valioso colaborador (sobrinho do conhecido escritor Robert). Entre os círculos industriais e comerciais os nomes Friedenreich, Meyer, Kleine, Probst e Sachtleben são os mais relevantes e a Colônia tem um órgão de publicidade próprio no "Blumenauer Zeitung" publicado pelo Sr. Hermann Baumgarten e redigido pelo Sr. Haertel.

Em todo o Brasil, não ouvi queixas por parte dos protestantes quanto a liberdade religiosa, mas sim sobre as condições do ensino, cujo estado deplorável se apresenta. Quem no Brasil é por demais preguiçoso ou estrambótico, apresenta-se como professor.

Os professores europeus competentes mesmo as pessoas bem situadas, e dispostas a sacrifícios não conseguiram. A Igreja Católica com jesuitas nas dioceses das colônias alemãs é bem mais eficiente do que a protestante. O exercício eclesiástico no Brasil é vinculado a outras e maiores dificuldades do que na Europa. O Pastor Protestante de Blumenau, o Sr. Sandretzky tem que celebrar seus cultos em dez lugares diferentes e de difícil acesso, e quando se encontra um sacerdote com botas de cano alto e espóras mexicanas, num cavalo fofoso, não se deve chegar a conclusões falsas. Há outras dificuldades onde vivem alemães, italianos, poloneses e brasileiros numa miscelânea de línguas. Contaram-me que o Padre Jacobs, sacerdote católico de Blumenau, conhecido como bom orador e excelente educador, conseguiu resolver este problema no confessionário, por meio de um intérprete que ficava numa posição tal que não podia ouvir se o confessor respondia sim ou não. Só existem três famílias brasileiras no núcleo de Blumenau, sem contar a já citada comissão de engenheiros. Em Blumenau, o que não acontece em todos os lugares até os policiais são de nacionalidade alemã. E aqui, pela primeira vez, vi que o uniforme brasileiro até pode ser bonito nestes alemães.

A visita de um vaso de guerra alemão sempre foi considerado um acontecimento revelante; só aconteceu uma

vez em Blumenau há alguns anos atrás, quando o comandante e oficial do ALBATRÓS, ancorado em Itajai, subiram o Rio até o núcleo, com uma barcaça a vapor.

A área da Colônia se estende do núcleo até cerca de 60 Km rio acima, e para o sul e norte pelos Vales até de cerca de 30 Km. O relevo é mais acidentado do que de D^a. Francisca, isto é, os vales entre os morros cobertos de florestas são em geral estreitos; apesar disto, vi extensas áreas aradas sem tocos e sinais evidentes de adubação. Mesmo sem adubação, a terra derrubada e queimada, mantém sua fertilidade por longo tempo e quando as colheitas diminuem é transformada em pastagem, recuperando-se desta forma.

REBANHOS

O rebanho bovino tem boa aparência mesmo com pouco cuidado, pernoitando mesmo no inverno ao relento. Somente os colonos mais ativos constroem abrigo num canto do pasto.

O gado leiteiro é acostumado a forragem verde no estábulo. Os cavalos são tratados com milho ao invés de aveia, mas no que diz respeito a alimentação humana, a mandioca ocupa o lugar do milho. (Indian Corn dos Estados Unidos).

As casas bonitas geralmente bem cuidadas, são de madeira e se situam a algumas centenas de passos por cercados e se é cumprimentado pelo latir de cachorros. A ocupação principal das pessoas é capinar e muitos, pensando que eu pretendia estabelecer-me aqui, ofereceram-me seus terrenos para compra. Pretendiam mudar-se mais para o interior e começar de novo. Tais mudanças de propriedade são frequentes, mesmo nas colônias novas, dependendo da maior ou menor atividade do seu proprietário. Para alguns os 100 morgos recebidos originalmente são demais, outros acham que os 500 morgos que possuem não são suficientes. Mas apesar disto não se formaram, em nenhum lugar, grandes complexos, na nossa concepção, e, na minha opinião, devido a situação de mão de obra e na opinião de outras pessoas, que o pequeno agricultor vive melhor que o teórico.

Entre os colonos, os alemães nórdicos nominalmente os da Pomerânia

e Mecklenburg são considerados como os mais capazes; e os menos capazes os provenientes de Baden, da região do Reno; e os tirolezes também e há consenso que os italianos são os menos afeitos ao trabalho e os menos persistentes. Tudo isto constatei e posso confirmar. Os pomeranos e mecklenburg, em 6 ou 7 anos após o primeiro rústico rancho de palmito, têm moradias bonitas e limpas de enxaimel e vi italianos radicados na terra por muitos anos convivendo com crianças e suínos no mesmo recinto. Destes italianos, muitos são como se pode ver pelos nomes Leutersbach etc., tirolezes italianizados que rapidamente assimilaram a língua alemã. É interessante penetrar nos interesses dos colonos: gira de uma forma monótona em torno dos porcos, bezerros, vacas, cavalos e carroças. Têm muito apego ao dinheiro e somente os sacerdotes conseguem seus intentos, ameaçando-os com purgatório. Por outro lado, se descuidam dos pequenos rendimentos. Empregados, por exemplo, são uma raridade. (Em Santa Catarina paga-se o menor salário mensal 6.000 mil réis: 12 marcos). Ouve-se freqüentemente um defeito atribuindo aos alemães por serem eles arrogantes e impertinentes, mas raramente orgulhosos e nobres como os ingleses. Sob boa orientação e um pouco de disciplina são (e não como os ingleses que só têm interesses materiais), aptos para tudo e para todas as campanhas; principalmente no setor de colonização e científico dariam ótimos soldados se houvesse ordem e disciplina e bons oficiais. Sem isto, se comportam como recrutas antes de serem uniformizados. Concernentes ao desenvolvimento industrial de Blumenau quero mencionar que não existem monjolos para socar milho (como usam na Colônia D. Francisca) mas, um número considerável de rodas d' água que observei em várias serrarias; que Blumenau fornece charutos e cigarros e que existem nada menos que 9 cervejarias trabalhando em ritmo semanal. Minhas excursões limitaram-se a numerosos passeios pela floresta, uma visita feita a cavalo às quedas d' água distando 7 Km do núcleo, e uma visita de três dias, de carroça, ao Ribeirão do Neise (próximo à divisa oeste da Colônia), distante 56 Km do núcleo e 105 Km do mar. Se bem que idênticas condições naturais e

próximas uma da outra, Blumenau e Joinville apresentam uma considerável variação de vegetação, o que demonstra a grande influência do homem sobre a natureza. Em Blumenau, de um lado muitas plantas (o palmito) não estão tão devastadas como D. Francisca; de outro lado, cuidou muito mais da aclimatização de plantas de outra região. O Dr. Blumenau foi incansável neste sentido e fez esforços ilimitados para o aprimoramento da agricultura e a introdução de novas plantas.

Mas pecou também introduzido ervas daninhas que inicialmente, utilizadas talvez como planta ornamental num jardim e que agora já caracteriza e domina grandes áreas. Nos climas subtropicais tudo cresce; quando o homem veio uma migração de plantas o acompanhou e os pacíficos botânicos se tornaram Átilas. Mas também há um outro lado não menos interessante: animais e plantas trazidas da Europa para a América, Ásia e da Austrália, sofrem mutações e por vezes logo algumas se desenvolvem aqui de maneira tal, constituindo um campo ideal para estudos como ao Dr. F. Müller — Darwinista. Os resultados obtidos com plantas trazidas para Blumenau e Dona Francisca diferem em alguns pontos mas de uma maneira geral pode-se dizer que árvores florestais e frutíferas ainda não se aclimatizaram, mas legumes e verduras dão excelentes resultados. Das árvores florestais, somente vi alguns exemplares de carvalho, faia (Buche), Tilia (Linde), betuba (Birke), que não se adaptaram. A única fruta alemã que se aclimatizou completamente e produz mais do que em qualquer parte da Europa, é o pêssego; morangos crescem bem; maçãs, pêras, ameixas abrilares, cerejas, uvas, uva espim (Stochelbure) groselha e olivas não há por aqui. Em D^a. Francisca os resultados foram outros. Como frutas excelentes desta região, a banana (o ano todo), laranjas (floração em agosto e colheita em abril até setembro), Mésperas bras. Wolnnesse, castanha do Pará e mangas. Entre os legumes europeus, ervilhas, feijão, aspargo, repolho e alface deram resultados melhores. Em Blumenau não há dificuldade com o cultivo da batata inglesa. As culturas aqui limitam-se ao café, cana de açúcar, fumo, algodão, mandioca, milho, inhame, etc. O colono alemão nunca op-

tará pela monocultura como é costume na Índia, (Nas ilhas Molucas, planta-se somente condimentos).

Entre as plantas ornamentais quero mencionar as numerosas palmeiras (coco e tamaréiras não vingam por aqui) na sua maioria introduzidas, entre as quais se salienta a Palmeira Imperial (Maximiliana Régia) e a Palmeira Anã Européia e mais o bambu gigante curiosamente trazido de uma estufa da Bélgica. Aqui se desenvolveu uma variedade que dentro de alguns anos crescem em alturas gigantescas e cujo caule atinge um diâmetro de 12 1/2 cm. Existem agaves Kohtecn (cactus), maravilhosos Epheu (hera), violetas (em agosto), camélias em julho, rosas (durante o ano todo), cravos, azaléias Stielmütterches etc.

Inicialmente tive problemas para chegar à floresta. É o destino do novato ser tratado semelhante a uma criança de menor idade. Quando chegava a alguém e dizia: "Empreste-me um fação de mato por favor e diga-me aonde posso chegar ao mato sem passar por cercas vivas e capoeiras, respondiam: Meu Deus do céu quanta pressa! O senhor pode se perder! Vou providenciar uma carroça, mandar abrir uma picada (caminho) e arrumar um guia, e sabe Deus o que mais. Isto naturalmente não me servia, e depois de mais de meia dúzia de experiências neste sentido, procurei por conta própria um caminho. A floresta mais bonita e preciosa, onde já haviam sido cortadas algumas das árvores mais valiosas, situava-se a alguns passos da minha hospedagem, mas no outro lado do rio, dada a falta de uma ponte e balseiro, só se podia atingir depois de longas negociações. À margem do Rio, passava-se por uma plantação de bananas mal cuidada, mas devido a isto exuberante e grandiosa estava uma natureza variada sem igual nos jardins botânicos da Europa.

As árvores maiores de diâmetro e altura semelhantes ao carvalho, eram as figueiras (variedade Ficus) e os cedros (fornecem madeira para caixas de charutos e é material excelente para canoas) entrelaçados por centenas de variedades de trepadeiras. Uma infinidade de plantas parasitas, (na verdade Epífitas), orquideas, gravatás que nas bases das folhas retém água formando um habitat para um peculiar mundo

de insetos e até carangueijos. Ao seu lado a Imbaúba, a árvore mais característica, dezenas de variedades de bambus, Riziumbaum, mamonas, palmitos, mais abaixo musgos, samambaias, gramíneas, framboesas européias, (morangos silvestres crescem somente no Planalto) nós moscada silvestre e dezenas de outras frutas, enfim invejo a rapaziada de Blumenau que me acompanhava por vezes e que estava bem mais informada que os seus pais e avós. O mateiro legítimo anda descalço nas suas incursões como aliás é comum aqui, não por falta de recursos, mas sim por comodidade, desprezam qualquer calçado.

Para abrir uma brecha no emaranhado da floresta usa-se um fação e um outro menor que é a faca de caça. Quando bem afiada cada golpe corta os galhos e cipós como se fossem manteiga ou queijo. No início se tem dificuldades, mas aos poucos se pega o jeito que consiste somente em golpear o galho ou árvore no ângulo certo. Após alguns dias de prática consegui cortar palmitos da espessura de uma perna, bambu da altura de uma casa e meia dúzia de cipós com um único golpe. Para se cortar uma árvore grande necessita-se em média duas horas. Outras árvores de espessura maior requerem dois dias de trabalho de uma pessoa experimentada. Nota-se uma abundância de palmitos (*Euterpe edulis*) miúdos da altura de um dedo até a altura de uma casa de dois pavimentos. Os brotos desta planta útil fornece um legume que, preparado com óleo e vinagre, é muito saboroso. Os colonos mais simples usam suas folhas para cobertura de telhados e não lhe dão valor como um agricultor alemão não dá ao champignon e à criadilha (*Teüffel*). Em todos os lugares estavam jogados os palmitos envoltos em suas folhas parecidas ao pergaminho, sem que alguém se desse ao trabalho de tirar o miolo. Lamentavelmente o homem destrói desnecessariamente a natureza e somente ao atingir um nível mais elevado de cultura restaura, com muito trabalho pequena parte do destruído. Também não são raras as clareiras causadas por temporais, mas nunca apresentam um aspecto tão triste como o destruído intencionalmente pelo homem.

Em contraposição é auspicioso o

intercâmbio que Blumenau entabou nos últimos anos com jardineiros paisagistas. Gostaria de ficar por mais algumas semanas para ver as flores da primavera, as folhas novas de um verde mais claro que a primavera produz não de maneira acentuada como na nossa terra. Mas, o dever e o programa de viagem não me permitem. Mas, antes de me despedir junto com o prezado leitor, gostaria de fazer algumas considerações, sobre a fauna.

As condições de caça não são regulamentadas e a existência de caça é esporádica. Num ponto, abate-se milhares de animais; noutro, procura-se em vão por dias e semanas caças. Eu encontrei no mato somente beija-flores verdes, papagaios de cor verde e cinza, periquitos, arapongas, lagartos, sapos boi (do tamanho de um gato) e rastos recentes do cervo maduro e escutei uma vez ao longe o bramido dos monos, mas o que mais me agradou foi a visita a um lindo representante dos jardins e das florestas brasileira em meu quarto. Havia colocado em frente ao espelho do meu quarto um ramalhete de flores de laranja. Enquanto trabalhava tive a impressão de ouvir o chilrear leve e ao levantar os olhos deparei com dois olhos minúsculos que me olhavam. Era um beija-flor verde e branco do tamanho da falange do meu dedo. Foi atraído pelas flores e quando fechei a janela ficou meu prisioneiro. Os animais são muito ariscos na época do seu acasalamento; procuram-se e facilmente morrem de saudades, tanto assim que logo devolvi a liberdade. Já se tentou muitas vezes mantê-los presos em gaiolas mas, nunca se conseguiu que aceitassem alimentos pois morrem de inanição após alguns dias. Em liberdade são menos ariscos, fazem seus ninhos nos jardins, dando preferência á arlustos ao abrigo de uma folha que protege os minúsculos ovos do sereno e da chuva. Os ninhos multicores são verdadeiras obras de arte e me contaram que uma avezinha chocando deixou-se acariciar pelo proprietário do jardim. No dia 20 de agosto chegaram a Blumenau as primeiras andorinhas anunciando a primavera. Com plumagem azul e branca, também o hemisfério sul tem suas aves migratórias com a diferença de que estas se salientam mais pela linda plumagem do que pelo seu canto.

O clima, das Colônias alemãs foi

durante minha permanência no coração do inverno, semelhante aos nossos lindos dias do mês de maio. A temperatura mais elevada no verão foi de 32° C Reaumur (40°C) atingida por duas vezes nos últimos seis anos.

Cólera e febre amarela não vieram para Blumenau e Joinville mas sim, a febre intermitente, provavelmente trazida pelos imigrantes lombardos do Vale do Pó e que me fez sofrer por alguns dias.

O verão não é propício para o estado de saúde dos Europeus nórdicos (Dinamarqueses, Pomeranos, Holsteiner etc.) e provoca mais doenças que o inverno. Chama a atenção a baixa incidência de casos de insolação; mesmo com a elevada temperatura, não houve um caso fatal durante os trinta anos de existência da Colônia. A precipitação em Blumenau é irregular. Predominam os aguaceiros fortes e as chuvas leves e contínuas ocorrem nos meses abril-maio, até setembro-outubro não faltando nesta época pancadas fortes.

Nem todos os anos tem geada e gelo muito menos, mas elas ocorrem. As geadas mais fortes ocorreram em 1861. Naquele ano o termômetro baixou a sombra durante 4 dias um pouco abaixo de 3°C. Devido o desfolhamento causado pela geada, morreram muitas árvores na floresta, mas a existência de muitas plantas sensíveis que perecem com frequentes geadas é e são substituídas por outras mais resistentes prova que as geadas são uma raridade.

Dona Francisca e Blumenau são Colônias gêmeas fundadas na mesma época e atingiram o mesmo grau de desenvolvimento; sobre as quais merecem o mesmo elogio, mas diferem no seu espírito. Dona Francisca tem uma estrutura social agradável, visão ampla, uma indústria progressiva, uma bonita colônia com um planalto onde é cultivado o centeio e com um porto que dá acesso aos navios de todo o calado.

Blumenau em comparação tem parcialmente terras mais férteis, uma população mais radicada e adaptada ao trabalho, mais terra arável; um rio facilmente navegável, maior potencial de energia hidráulica e mais terra disponível abaixo da serra. Blumenau, concentrou sua atenção desde o início à agricultura, localizando os agricultores em vales estreitos cercados de morres íngremes e distantes do centro, sem

que os meios de transporte acompanhassem o avanço.

Em Dona Francisca houve desde o início mais centralização e com boas estradas facilitou-se a comunicação entre os colonos. As condições de Blumenau foram mais desfavoráveis devido a incompreensão dos ministros que sempre mudavam, enquanto que Dona Francisca estava sob a tutela e orientação do Hamburg Verein (Sociedade Hamburguesa). As verbas destinadas a Blumenau por parte do Governo brasileiro vinham de forma irregular o seu valor era duvidoso.

O elemento humano, em todas as colônias, é composto de pessoas vindas de todas as partes da Alemanha, mas semelhantes em si. De onde vem então o fato de ter cada colônia suas individualidades, formando características próprias que se refletem no comportamento geral da população?

Em parte provém da falta de uma comunicação intensiva entre os colonos, como também da orientação diferenciada da administração. Uma certa afinidade, um forte sentimento de unidade é inegável; mas poucos moradores de Blumenau mesmo os que radicados há mais de 30 anos, jamais estiveram em Dona Francisca, e vice-versa. Isto vai melhorar depois do término da estrada calculada em 122Km entre Blumenau e Joinville. Antes de dar meu parecer final sobre as colônias alemãs de Santa Catarina, desejo antecipar algum comentário. É impossível escrever para um público alemão sobre países estrangeiros sem que se aborde o problema emigratório. Em ocasiões anteriores tive a ingenuidade de pensar que bastava relatar as condições como elas são, sem aconselhar alguém que vá para lá ou acolá. Mas não é assim. Muitas pessoas tendem a interpretar o que lêem, o que almejam, mesmo que não corresponda ao escrito. Me aconteceu que pretensos emigrantes pediam informações sobre isto ou aquilo e quando a resposta não correspondia às expectativas, respondiam exasperados que havia aconselhado a emigrar para o determinado país. Estou convicto de nunca o ter feito e ao reler constatei que minha desaprovação não podia ter sido mais clara. Estas experiências repetidas me levam a exprimir com maior clareza possível. Quando se tem o propósito de descrever países estrangeiros e

casualmente estes países são lindos e agradáveis, sua descrição não é na realidade uma recomendação à emigração para lá. Pelo contrário, não desmereço mérito dos meus próprios trabalhos levianamente. Neste assunto todo julgamento pessoal é subjetivo, nunca objetivo. Minha impressão é que eu aprecio ver países estrangeiros mas nunca cogito em viver minha vida fora da minha pátria que me parece sempre a mais nobre.

A cada emigrante recomendo, três vezes, a ficar em casa. Se não pode ou não quer, digo-lhe: Enquanto não possuímos uma Colônia sob a bandeira alemã, enquanto tivermos que pisar em solo estranho, a América do Sul em especial, as Províncias sul brasileiras, Rio Grande do Sul e Santa Catarina em particular, oferecem condições melhores para o progresso do que os EUA e bem melhores que a Austrália ou outro país que conheço.

Precisamos almejar, em primeiro lugar, colônias alemãs sob a bandeira alemã que multiplicariam a glória, a grandeza do nosso nobre povo, nossa gloriosa pátria. Enquanto não chegarmos a este ponto, o melhor que podemos fazer, já que não podemos retê-los, o que seria melhor era encaminhá-los para onde se sentirão bem e aonde são pioneiros da tradição alemã. A suposição que emigrar é um meio rápido para o acúmulo de riqueza e uma vida mais cômoda que na Alemanha, é uma loucura. Com trabalho mais pesado do que qualquer tempo na Alemanha, se tem uma perspectiva maior para uma posição abastada; é tudo o que o imigrante pode esperar em colônias estrangeiras. É sumamente triste ver tantas pessoas chegarem aos EUA com esperanças exageradas. Fica pois a pergunta: emigrar ou não? Todo o entusiasmo é um erro. Certas pessoas esperam dos EUA maior liberdade, maior mobilidade, um campo de maior ação e maiores idéias. Isto está certo quando se trata de relacionamento com pessoas ou com a natureza. Pessoas parece que não encontram a sua felicidade no isolamento da vida de colono ou outros empreendimentos materiais. Estas deveriam pensar dez vezes antes de emigrar.

Fiquei profundamente penalizado com pessoas com um patriotismo profundo relacionamento social seletivo e

vida cultural farta chegarem com a esperança de encontrar aquilo que lhes foi negado na Europa.

E as esperanças frustradas! A colonização se assemelha ao ataque a uma linha de defesa: os primeiros tombam nas trincheiras e os que seguem morrem dos ferimentos; os terceiros plantam a bandeira vitoriosa e regressam condecorados. Aos primeiros cabe a maior honra do que aos últimos. E também não é assim na vida cotidiana? Os que juntam fortunas por acaso trabalham para si?

Nas Colônias é grande o número dos decepcionados, amargurados, misantropos da velha guarda que lutou e está para morrer, sem o merecido fruto do seu árduo trabalho, persistência, desprendimento, sem alcançar o seu objetivo.

Ah! Se pudesse ver os trigais ondulantes que aqui estarão no futuro, disse-me um colono. Que aspecto terá esta terra daqui a dez, quinze, vinte anos; em que direção cruzarão trens que vejo na minha imaginação; como cultivará esta nova Alemanha da qual sempre sonhei? A ciência para a vergonha dos ingleses e outros bárbaros que não souberam aplicar seus recursos financeiros ilimitados. Sim quem almejou e quem tem a força para desfrutá-la?

Com as províncias do sul do Brasil, aconteceu o mesmo que se deu com a maioria dos outros países novos: de um lado, exageros, do outro críticas improcedentes. Em nenhum outro país que eu conheço há menos pobreza e é menor o número de fracassados. De outro lado não se pode negar que um quarto dos colonos está em terras de baixa fertilidade e um outro quarto não usufrui nem pode usufruir o fruto do seu trabalho porque não produzem produtos exportáveis. O Brasil, de um modo geral, não é mais fértil do que a Europa. Seria pecado dizer que o país, como Deus o fez, traria em si perspectivas para um bom desenvolvimento se não dominasse na maior parte do país a preguiça, em lugar de um povo trabalhador. É mérito do "Zentralverein fuer Handelgeographie und Vertretung Deutscher Interessen im Auslande" Sociedade Central de Economia Geográfica e Representação Alemã no Exterior — a divulgação das vantagens da América do Sul, o Brasil

em particular, sobre os Estados Unidos.

Quando se observa a sorte dos emigrados para os Estados Unidos, e se estuda minuciosamente a sua situação a longo prazo; quando se leva em conta o elevado percentual dos fracassados (50% em média, 75% em alguns casos), não se entende porque ainda a maioria dos alemães segue a corrente que se locomove para lá. É interessantíssimo acompanhar os motivos que levam a este fenômeno. Em primeiro lugar está o fato de que os norte-americanos suprimem por todos os meios qualquer opinião negativa. O otimismo está no sangue e o estranho, para se resguardar de uma hostilidade geral adere à opinião dominante. O imigrante alemão nos EUA nem sequer espera ser indagado. Espontaneamente inicia seu canto de louvor, muitas vezes, desafiando. Por este motivo nunca se ouve nada dos milhares que fracassaram física e moralmente. Gargantearam tanto no começo e, se regressam pobres, quietos e modestos à pátria, evitam qualquer conversa sobre a Grande Terra. Ao mais emigram pessoas com posses para os EUA, pessoas que sabem muito bem que sem recursos, nada os espera por lá. Para o Brasil dirigem-se os que esperam uma passagem paga e terras doadas, àqueles que nada possuem, e quando os maus elementos entre eles se vêem logrados na esperança de riqueza fácil, como mendigos, molestam os consulados e comerciantes atacadistas.

Mas tudo isto não explica a preferência pelos EUA. Deveriam existir razões mais profundas na sua motivação. Não sou, verdade seja dita, um bajulador dos EUA, mas reconheço que apesar das condições melhores do Brasil, muitos optam pelos EUA pelo fato de lá nunca dependerem dos caprichos de um funcionário mulato. A realidade lá é dura. Aço contra aço, o egoísmo humano lá se mostra desvendado ao imigrante e um percentual cinco vezes maior que no Brasil sucumbe (lá se calcula 10%) nesta luta e o prêmio, disto estou pessoalmente convencido, não compensa, mas todos carregam no seu próprio peito o seu destino, sucesso ou fracasso, fato que somente se aplica aos velhos imigrantes do Brasil. Quando alguém não gosta da sua profissão nos EUA, muda para outra;

quando alguém no Brasil recebeu um lote infértil por ignorância ou manipulação, luta a metade da sua vida em vão.

Nos Estados Unidos, quando alguém se dirige a um Escritório de Imigração, perguntam-lhe em que Estado, em que rua, em que rio e qual a qualidade da terra que deseja. Muitas vezes estive presente — o assunto é resolvido no menor lapso de tempo possível. No Brasil a resposta a esta pergunta é: Não sei! Quando se pergunta por um mapa, respondem: Ainda não existe, e quando existe um, é falso ou obra da imaginação. Isto freia a imigração mesmo que a terra no Brasil fosse 100 vezes mais em conta e melhor. Nos EUA o processo é egoístico, pragmático e rápido. Nada se doa, constroem-se estradas, fazem-se medições, a terra nunca é doada, as passagens nas estradas de Ferro têm abatimento, mas nunca são gratuitas. Os imigrantes com poucos recursos, viajam até aonde seus meios permitem e lá se empregam como peões e finalmente chegam ao destino almejado.

Não quero me deter com assuntos já muito ventilados; quero mencionar porém que as primeiras considerações sobre emigração, surgiram poucos anos após a mudança da Corte de D. João VI, de Lisboa para o Brasil. A primeira colonização bem sucedida foi em 1824: a Colônia de São Leopoldo, na Província do Rio Grande do Sul. A idéia do culto e amável monarca D. João VI e principalmente as núpcias do seu filho D. Pedro I com uma princesa austriaca motivaram a colonização de sangue alemão do qual se esperava, pelo trabalho e energia, uma melhora na situação geral e um fortalecimento do Estado. Com a chegada da inevitável abolição da escravatura (escravidão) no Brasil, nasceu nos anos 50, principalmente no 60 e mesmo há ainda na década dos 70 um entusiasmo pela imigração, redundando no desperdício de vultuosas somas da parte do governo brasileiro, pela imigração, principalmente de alemães e, se não fosse o estúpido Decreto Lei de Heydt e a animosidade geral na Alemanha — muitas regiões do Brasil se teriam tornado uma Nova Alemanha com vantagens bilaterais.

Vamos deixar de lado os Contratos de Parceragem, muito mais injustamen-

te criticados do Senador Vergueiro, um grande simpatizante da Alemanha, pois não tem relacionamento com a colonização alemã em particular. A localização das colônias alemãs foi insensata e estúpida; sobre isto há consenso. Quando se observa a localização das colônias alemãs num mapa da Província, tem-se a impressão que os estadistas encarregados jogaram moedas no ar e disseram: Aonde elas caem, fundas uma colônia alemã. O resultado corresponde ao sistema empregado. Ao invés de partir do litoral e dos rios, como prescreve a própria natureza, ao invés de se fazer um estudo dos rios, relevos geográficos e qualidade do solo, designou-se uma área no interior, atendendo aos interesses pessoais de apadrinhados. Quando o governo compra ou vende, dominam os interesses dos velhacos. O Governo brasileiro foi pródigo com verbas, principalmente numa época na qual o interesse pela imigração alemã já havia esfriado, sendo substituído pelo entusiasmo, pela imigração de irlandeses, italianos e russos.

Os alemães não conseguiram vencer os estadistas brasileiros, por exemplo, que seria um progresso enorme, a concessão de um aval estatal de 7% a usinas de açúcar, usinas que trabalham com ótima rentabilidade há anos. A Colônia Itajaí-Brusque, na presente época, se desenvolve bem, mas durante muito tempo foi objeto de preocupação, é um exemplo clássico neste sentido. A Colônia foi fundada pelo Barão de Schneeberg em 1860, ao qual sucederam na direção o americano Barnabay Cottle, o barão von Klitzing, Firmino Correa, Johann Detzi, Betim Paes Leme, Pitanga, B. F. Albuquerque, Lima, e Dr. Pantoja. Sob a direção do barão von Schneeberg, o desenvolvimento foi normal, com a vinda do americano Cottle — que nem inglês sabia escrever — os colonos se esqueceram do trabalho; bares e teatros de amadores surgiram, passeavam com botas de cano alto doados pelo Governo, e davam à colônia de Blumenau ótima renda com a compra de mantimentos, mas estes tinham que ser de primeira qualidade. Melhor ainda, no tempo de Pitanga, que em cinco trimestres (Fuenf-viertel = cinco quartos) nada menos de 1100 contos (2 200 000 marcos) gastou. A Colônia com cerca de 9000 colonos, (dos quais 6000 alemães, os demais italianos e tirolezes), custou ao go-

verno 7 a 8 milhões de marcos incluindo as despesas com as passagens. O preço da compra da terra, (3 mil réis por morgo) ainda não cobrado pelo governo e possivelmente também não será. Aos atuais colonos cabe o mérito de serem os melhores de todos os enviados à colônia pelo Governo no decorrer do tempo.

Brusque foi mal sucedido com os irlandeses: foram inicialmente recebidos com muita euforia e levas e mais levas foram encaminhadas para lá. Cedo constatou-se serem elementos turbulentos e por muito tempo dispndia-se mensalmente 3 a 4.000 marcos para reembiá-los para Nova York. Os senhores irlandeses, dos quais dois ainda permanecem no momento em Brusque, custaram de 1.000 a 2.000 marcos per capita.

As duas melhores colônias da Província de Santa Catarina, desenvolveram-se por assim dizer, por força própria. Blumenau custou ao Governo relativamente pouco. D. Francisca muito pouco. Os auxílios para D. Francisca, minguados que eram, de conformidade com o contrato, vinham com regularidade e permitiam um planejamento: dependia-se de Hamburgo e não de ministérios e de políticos recém-formados, proporcionando uma considerável vantagem, mesmo sobre Blumenau.

Blumenau, apesar de seu desenvolvimento completamente diferente do de D. Francisca, isto é, muito deve ao mérito do seu fundador e administrador, o que é um motivo de orgulho para o mesmo. Também não quero deixar de mencionar aqui que o capital dispendido pelo governo com a colonização, proporciona neste momento um retorno de 12 a 15% por ano em impostos e taxas aduaneiras, aumentando progressivamente com o crescimento da Colônia.

Além dos empecilhos, estruturação deficiente, ausência de via de transporte, existe a animosidade dos brasileiros não somente contra os alemães, como também contra os italianos e principalmente contra os portugueses que, de antemão, conhecedores da língua vernácula, são elementos que maior concorrência fazem.

As expressões "Estrangeiro sem educação" e "nobre sangue do brasileiro de verdade" são corriqueiras, não no contato com as pessoas, mas nos jornais de segunda linha.

A conservação da língua e tradição alemã é uma recomendação para a colonização alemã, mas é vista pelos brasileiros sob outra perspectiva. Apesar dos maus resultados obtidos com a colonização italiana, de um modo geral, ela tem no julgamento superficial do brasileiro, várias são as vantagens: o italiano é menos teimoso e cabeçudo e já na primeira geração se confunde com os brasileiros. Também é compreensível que atualmente há menos entusiasmo pela imigração do que nos primeiros anos após a abolição da escravidão. Em todas as questões relacionadas com a imigração, interesses pessoais e egoísticos têm parte preponderante sobre os interesses nacionais e econômicos. É inegável que a política de colonização brasileira é uma sequência de disparates; mas faça-se a pergunta: Em que país, pobres imigrantes chegaram em tão pouco tempo a uma situação de abastados? Tolerariam alemães, caso possuíssem terras em excesso, e ainda dispenderiam eles dinheiro, a fim de que, dez mil, cem mil franceses e italianos ali se estabelecessem? Com toda a crítica ao brasileiro, ao desgoverno brasileiro, não se deve esquecer uma coisa: por mais curioso que é, este desgoverno abriu as portas a estranhos, que aqui progredem no seu solo. Estivesse o Brasil sob um governo inglês ou norte-americano, com uma população inglesa ou Yankee, com um sistema estatal perfeito, com vias de comunicação perfeitas, o campo não seria tão propício para o progresso do imigrante alemão, como sob a raça brasileira.

Dado o baixo nível de desenvolvimento do povo e do país, se já existisse uma cultura elevada este papel não caberia à cultura alemã. A melhora da eficiência estatal, proporciona uma melhora nas condições para o desenvolvimento das colônias alemãs, melhorando simultaneamente o desenvolvimento material do país, sendo que a recíproca também é verdadeira.

Os interesses da atual política da imigração, como me foi dito pelo falecido ministro da Agricultura, Buarque de Macedo, são: Cessão da subvenção direta, emancipação das poucas ainda não emancipadas colônias, concentração da imigração livre para o Rio de Janeiro, seguindo o esquema americano, construção de uma casa de recepção com uma capacidade para receber

anualmente 50.000 imigrantes, provisão para a alimentação de 40.000 imigrantes provisão para o transporte de 20.000 imigrantes ao seu destino, (espera-se que os demais se radiquem no Rio e redondezas) ou possui recursos próprios, aquisição de 5 léguas quadradas junto a estradas de ferro, estradas, ou rios, nas Províncias do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais e Espírito Santo. Para quem conhece o Brasil, não é preciso dizer que pouco passará de sua existência no papel.

Conforme disse o Presidente da Província de Santa Catarina, os estrangeiros perfazem um terço (cerca de 200.000 almas) da população da Província. Dentre estes, o número de língua alemã (lamentavelmente os escritores de viagens citam o número dos nascidos na Alemanha) é de 55.000 a 60.000. Ouvi muitas queixas sobre estes alemães, somente uma não, que relegaram sua língua e cultura alemã, como nos Estados Unidos. Muito pelo contrário, no interesse material, nos locais onde se aglomeram em grande número, pouco aprendem o português.

O outrora, em Desterro e outros lugares, as famílias bem situadas, acanhavam-se em falar o alemão mesmo dentro de casa, se bem que seu português espanava até os ratos. Agora houve uma mudança e temos até o fato de belgas e italianos terem assimilado a língua alemã. Todos os médicos, com os quais eu falei, são unânimes em afirmar que não houve mutação física com os alemães imigrados em nenhuma e qualquer lugar. Também o caráter dos teuto-brasileiros, em todos os lugares onde estão sob uma orientação e em sociedade, revela uma amabilidade e as classes baixas se movimentam com mais desenvoltura, com mais compostura do que habitualmente na Alemanha.

Aonde porém vivem num ambiente dominante brasileiro e não escudados por grau cultural, aceitaram vários costumes negativos dos brasileiros sem nenhum dos positivos. Perdem o senso de ordem e limpeza inerente às grandes aglomerações. Alguns andam com camisas sujas e roupas rasgadas, se descuidam das crianças que andam despidas e descalças. Entram nas portas sem bater e com chapéu na cabeça no teu quarto e acima de tudo procuram duma maneira mais

grosseira que os brasileiros tirar proveito. Nas várias colônias os alemães estão bastante unidos, não tão unidos como colonos de outra nacionalidade; lamentável porém é uma rivalidade entre as colônias que vai além do limite permitido.

O colono de Blumenau jura de pé junto que sua colônia é a melhor; o colono de D. Francisca já é um pouco mais moderado. Ambos, porém, estão de comum acordo quando se trata da Província. Um laço une todos os alemães no Brasil: a língua comum, a literatura comum e principalmente interesses comuns. Esta rivalidade pode dar uma impressão dolorosa ao estrangeiro, mas creio que não será um obstáculo ao desenvolvimento da cultura alemã. Na concorrência, na célebre luta pela sobrevivência, o alemão leva vantagem sobre o brasileiro na maioria dos pontos de vista e em outros fica atrás. De tudo o que pode dizer e pensar dos brasileiros, eles são mais desembaraçados por natureza do que os alemães. As classes alemãs mais baixas, ocupam o degrau mais baixo na escada dos povos europeus.

A literatura (política e revistas beletrísticas) enviadas para aqui constituem um respaldo para a conservação da cultura e costumes, respaldo bem mais forte do que se supõe na Alemanha. E este respeito que tributam à literatura alemã dificultou minha tarefa. Fiquei apavorado ao saber o que de mim esperavam. Como pode um pobre ser humano corresponder a tais expectativas, pensei? É impossível a um viajante, mesmo com talento, competir em conhecimentos do país com os que passaram a metade ou toda sua vida neste país. É um consolo que se escreve, não para os que conhecem o país, mas sim para os que não o conhecem. E os que pensaram que eu era o precursor de meia dúzia de navios imigrantes milionários. Isto aos curiosos, mas por vezes era penoso. Nunca, em viagens anteriores, tive tanta dificuldades em fazer as pessoas compreenderem que um escritor, que cumpre sua obrigação, não é mais nem menos do que um agricultor, um comerciante que também cumpre suas obrigações. Muitas vezes içaram a bandeira alemã, caso disponível e me combojaram numa marcha triunfal para o hotel. Isto dificulta um trabalho calmo, imparcial e

consciosos e não raramente o torna simplesmente impossível.

Pessoalmente lembro com prazer os lugares aonde fui recebido com afabilidade, atenção, como por exemplo, um engenheiro destacado para o levantamento para a construção de uma estrada de ferro.

O escopo da política dos teuto-brasileiros deve ser a integração do elemento alemão na legislação e administração das Províncias para o qual, uma administração autônoma regida por legislação municipal, serve de base. Na administração de Joinville (o município compreende além da Colônia D. Francisca, os territórios vizinhos) os alemães elegeram em data recente 3 brasileiros, sendo que anteriormente só havia alemães e desde então houve uma degradação. O município de Itajaí compreende as colônias Blumenau e Brusque, conta com cerca de 60.000 habitantes, entre estes 25.000 alemães, 4.000 italianos e 500 portugueses. Entre os 9 membros do Conselho Municipal estão 4 alemães, o cônsul Asseburg entre eles.

No juizado de Paz, (cargo honorário, enfadoso e não remunerado) em Itajaí, existem dois juizes de Paz e dois brasileiros; em Blumenau somente alemães, em Brusque dois alemães e dois brasileiros.

Mas não se deve tirar conclusões com Poder Judiciário. Quero mencionar otimistas desta situação em relação o seguinte para ilustração: o Juiz de Direito da Comarca de Itajaí era Conservador. Quando em 1878 os Liberais subiram ao Poder, procuraram evidentemente colocar um correligionário no cargo. Não foi tão fácil pois nada se podia reclamar do Juiz Conservador e tomou-se a decisão de extinguir toda a Comarca, eliminado o cargo. Posteriormente pretendia-se criar a Comarca de novo e colocar um Liberal como Juiz de Direito. O ministro aquiesceu com a extinção, mas não concordou com a re-instalação da nova Comarca dado a revolta na opinião pública. Como consequência os cidadãos de Blumenau, quando têm algum problema judicial, procuram o juizado mais próximo, Joinville, uma viagem com uma duração igual a de Paris e Petersburgo, demorando às vezes o dobro do tempo.

Devido a estas rixas (que muitas vezes se refletem nas colônias), vem o

fato de Desterro ter em 13 anos nada menos do que 28 Presidentes de Província. E como Santa Catarina, sem caudilhos, possui pouca influencia nos dois grandes partidos, explica o fato de estar sem solução o conflito de terras com a Província do Paraná, arbitrária na sua decisão. Chegou a ocasião de falar sobre a política partidária do Brasil.

O partido Conservador (a ele pertencem os fazendeiros de origem portuguesa) corresponde ao nosso partido "Livre Conservador" e partido "Liberal Nacional" e o partido Liberal ao "Progressista". Depois da morte do seu chefe o Duque de Caxias, os "Conservadores" perderam as rédeas, que por muito tempo mantinham, do governo. As eleições de 31 de outubro de 1881 lhes trouxeram apreciável reforço. Não se deve dar muito valor às diferenças dos programas e plataformas dos partidos; trata-se mais de pessoas do que de programas, mais de interesses do que de princípios. Temos que mencionar que parte dos Liberais têm confissão republicana, uma loucura, um crime num país que tudo o que tem de vantagem sobre a América Espanhola, deve ao seu Governo Monárquico (aliado a um povo mais calmo).

É imprescindível que os teuto-brasileiros se "naturalizem" tornando-se cidadãos brasileiros a fim de preservar sua cultura e posição. Igualmente é desejável uma representação crescente nas Câmaras municipais e Assembléias Estaduais. Porém é duvidoso se é aconselhável, mesmo se houver alemães capazes, enviar ao "Reichstag" representantes da Província de Santa Catarina. Nada poderiam ensinar aos brasileiros, mas se fosse oportuno, é uma outra questão. E assim temos por mais algum tempo candidatos que periodicamente os brasileiros de ambos os partidos cortejam os alemães com promessas e mais promessas que nunca são cumpridas. A propósito, em fevereiro de 1882 foi eleito pela primeira vez para a Assembléia Provincial o comerciante Leppert, de Joinville (nota: Lepper?)

Um terço das importações da Província de Santa Catarina é de origem alemã e refuta de maneira flagrante o conceito de que uma crescente imigração, aumenta a exportação e seria ben maior se os portos naturais que servem às colônias alemãs, tivessem uma Al-

fândega para a liberação dos produtos importados. Há alguns anos até a Alfândega do Porto de São Francisco foi extinta. Vapores chegando diretamente de Hamburgo para São Francisco, tinham que levar as mercadorias destinadas para este mesmo Porto, de volta para o Rio, lá fazer o desembarço alfandegário e transportá-las novamente para São Francisco, onerando mais do que o transporte da Europa para cá.

Atualmente todas as importações vêm por Desterro ou o Rio de Janeiro e somente mercadorias isentas de taxas alfandegárias podem ser desembarcadas nos portos de São Francisco, Itajaí, Porto Belo, e Laguna.

Estima-se a importação de 40 marcos per cápita — valor talvez elevado demais — da população alemã. As importações consistem principalmente em tecidos de lã e algodão, armarinhos, porcelana, louça, máquinas, instrumentos musicais, utensílios agrícolas, sal, ferro, artigos de ferro, vinho, farinha de trigo, cerveja, drogas, carne-seca etc...

Para todos os produtos exportados pelas colônias alemãs, desde que não consumidos na própria Província, Rio é o mercado natural. A maior casa de comércio é a do Cônsul Hackradt em Desterro. Não existe uma casa bancária em toda a Província. Juros de capital rendem de 8-10% o que é pouco (em relação a Austrália por exemplo) e é sinal de pouco dinamismo. Convém mencionar que Joinville e Itajaí têm ligação telegráfica com o mundo. Blumenau não tem ligação.

O Brasil continua pobre em vias de transporte de primeira linha (estradas de ferro e boas estradas). Atualmente três estradas de ferro estão em construção, uma na Província do Paraná, outra em Santa Catarina e a terceira na Província do Rio Grande do Sul, sendo que as duas primeiras Províncias não tinham nenhuma linha férrea até o momento. A primeira destas estradas de ferro em construção começa no Porto de Paranaguá, passa pela serra para o Planalto de Curitiba. (Capital do Paraná). A concessão foi dada para uma companhia Francesa e já está em tráfego até Morretes. A segunda estrada de ferro, construída pelos ingleses, parte do porto planejado de Laguna pelo Vale do Rio Tubarão, onde consta

existir uma jazida promissora de carvão, em direção serra acima. A terceira, outra concessão dada aos franceses na Província do Rio Grande do Sul, será comentada com mais detalhes em outra parte deste livro. Prioritária, para atender às necessidades do país, seria uma estrada de ferro paralela à costa, ao longo do planalto de São Paulo, passando por Curitiba até Porto Alegre. Esta linha, da qual poderia falar de Rede Ferroviária Sul, ficará uma aspiração por dezenas de anos. No meio tempo, Blumenau está cogitando seriamente numa ligação, bem como D. Francisca já conseguiu sua ligação, com o planalto, pela serra para Curitiba. As distâncias são medidas da Barra do Itajaí, até Blumenau, 51 Km. Até o início da serra, 217,9 Km, até o topo da serra 229,9 Km, e até Curitiba, 286 Km. O custo da estrada está estimado em 4.480.000 marcos. Um caminho para montarias, 120.000 marcos. Temos que mencionar que o engenheiro brasileiro Jourdan obteve do governo uma concessão para a construção de uma estrada de ferro pelo vale do Itapocu (ao sul da Colônia D. Francisca). Esta estrada de ferro será provavelmente construída nas próximas décadas, porém dificilmente por este concessionário.

De acordo com o mapa desenhado por Rivière, aliás bastante incompleto, da Província de Santa Catarina (1872, Escala 1:500.000), as terras de proprietários particulares somam 300 léguas quadradas, as terras devolutas disponíveis, 700 léguas quadradas e as de posse duvidosa 100 léguas quadradas. Estes dados são naturalmente, frutos da imaginação e o Ministério da Agricultura, o Escritório de Imigração no Rio e o Governo Provincial ignoram o volume e a localização das Terras Devolutas. Abaixo da Serra, isto é, na faixa subtropical litorânea, o Vale do Tubarão, possui as melhores terras; as do Vale do Itajaí estão em segundo lugar. O vale do Tubarão, que separa as Províncias Rio Grande do Sul e Santa Catarina, já está densamente povoado por brasileiros; no Alto do Itajaí, acima da colônia Blumenau, existem cerca de 6.500 Km² disponíveis e no Vale do Itapocu, o Conde d'Eu, o esposo da princesa herdeira, possui 49 léguas quadradas de terras intocadas. Sobre este Vale há opiniões divergentes, uns consideram-no um paraíso fértil, ou-

tros um banhado, sendo porém a primeira opinião possivelmente a verdadeira. Na totalidade do planalto, principalmente para o Oeste, já existem sítiantes com terras legalizadas, ou não, principalmente criadores de gado, rústicos, mas como as propriedades estão esparsas, não constituem obstáculo à colonização.

No momento não se pode cogitar em uma imigração em massa para a Província de Santa Catarina, devido a falta de infraestrutura. Dona Francisca está em condições de receber anualmente 1.500 pessoas, mas não duma vez só; Blumenau, um número idêntico e a Província toda pode absorver 6.000. Seria relativamente fácil providenciar uma infraestrutura caso houvesse necessidade. No momento, nem o Governo Federal, nem o da Província, que tem orçamento bastante restrito, concedem livre-passageira ou outro auxílio direto, mas isto está sujeito a mudanças rápidas, dependendo dos Ministérios. As terras podem ser adquiridas a crédito nas grandes colônias. Pessoas que vêm a chamando de parentes, ou abastadas, não têm restrições para a aquisição de terras em qualquer lugar.

O sul do Brasil é um campo propício para imigrantes agricultores e trabalhadores de fábrica que se acostumam ao trabalho do campo, sendo que no momento só pode absorver um pequeno número de imigrantes com alto nível cultural; estes teriam encontrado um campo propício nas Ilhas do Sul se estas tivessem se tornado um entreposto colonial alemão.

Quem cogita imigrar para o sul do Brasil não deve cogitar em trabalho assalariado, porque raramente leva sucesso. Em D. Francisca, toma-se muito cuidado no que diz respeito ao trabalho assalariado de colonos, pois quer se evitar que o agricultor esqueça sua profissão e por isso não paga mais do que 1.200 réis (2,40 marcos) por dia. Aliás, o Governo Brasileiro, desmoralizou os preços, pagando temporariamente até 10 mil réis por dia aos colonos.

A seguir quero dar um pequeno esboço a eventuais Casas de Comércio alemãs que se dispõem a patrocinar emigração, fato que até o momento raramente se deu, para uma colonização no planalto do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, de onde ela se pode alastrar para o Norte (Paraná) para o sul

(Uruguay) e para o oeste (Corrientes e Paraguay).

A colonização do Brasil não é um negócio lucrativo, principalmente como foi o caso até o momento, quando se tratava de imigrantes em quase sua totalidade, sem recursos. O custo médio, por muitos anos, por cada imigrante, na colônia D. Francisca e Blumenau, incluindo tudo, chega a 75 mil réis ou 150 marcos. Nesta conta não foi considerada a aquisição da terra. Por esta quantia, na colônia D. Francisca (cujos dados consideramos aqui) o imigrante é recebido no navio transportado para Joinville, alojado nas barracas de eventuais pessoas impedidas de caminhar, e são transportadas ao local no qual o colono pretende se estabelecer. Ali lhe é consignado um terreno apropriado, medido e delimitado com piquetes e lhe é fornecido um título de Aquisição e efetuada a ligação com uma estrada.

Na quantia acima citada está incluída a despesa com o estabelecimento de médicos, farmacêuticos, clericais e professores (sendo que estes nem sempre incentivam a cultura alemã), construção de hospitais e alojamentos bem como contribuições para a construção de capelas e escolas. Nesta base de cálculo, uma povoação de 10.000 pessoas (adultos e crianças) necessitaria uma quantia de 1500.000 marcos num espaço de tempo de 12 a 15 anos, como foi até agora, e um pouco menos se fosse num período de tempo menor. Para a localização de 10.000 pessoas, são necessários cerca de 50.000 habitantes de terra, contando-se em média 4 pessoas por família e 20 habitantes para cada família. O menor preço de Terras devolutas, fixado por Lei é de 1/2 Real por braça quadrada ou seja 1033 réis por hectare, custando, portanto, 50.000 habitantes pouco mais de 100.000 marcos. A isto se juntam as despesas com prospecção, medição e escrituração, um acréscimo de 10 a 15%. Terras particulares, no planalto de Santa Catarina, poderiam ser adquiridas por 2000 a 3000 mil réis por hectare, mais os custos para medição e outros. Calcula-se um preço médio de 2000 réis (4 marcos) por hectare, a aquisição de 50.000. Há importância em 200.000 marcos. Juntando-se os 1.500.000 marcos de acima, chegamos a um custo final de 1.700.000 marcos.

Até o momento a terra foi vendida aos colonos por 12 mil réis o habitan-

te (com excessão de São Bento, 8 mil réis) para pagamento à vista e por 13 mil réis para pagamento após 3 anos sem juros e após este prazo incide de revenda de 14 mil réis o habitante, 50.000 habitantes importam em 1.400.000 marcos, não cobrindo, portanto, o investimento calculado acima.

A manutenção dos preços de venda citados, somente foi possível devido às subvenções consideráveis do Governo Brasileiro. A fundação de novas colônias só se torna viável se o Governo Brasileiro dispuser-se a dar contribuições semelhantes no futuro. Uma possibilidade existe se o Governo indenizasse as companhias colonizadoras pelas despesas com a construção de estradas de utilidade nacional.

Na Colônia D. Francisca foram, em média, construídos 668 metros corridos de estrada por cada 100 habitantes de

terra. Em se considerando esta base, 50.000 habitantes requerem 334 Km de estradas. Se o Governo Brasileiro, pagasse por cada Kilômetro de estrada incluindo pontes e povoada com colonos, 1 conto (2.000 marcos), 334 Km corresponderiam a 334 contos, ou sejam, 668.000 marcos, o empreendimento tomaria um aspecto mais favorável. Porém, caso se cogite em uma imigração em grande escala, o mais certo seria a construção de uma Estrada de Ferro, seja por exemplo pelo Vale do Itapocu ao planalto, desde que o Governo se propusesse — como acontece nos Estados Unidos — a doar uma faixa de terra ao longo da Linha, à companhia construtora, ou como tem acontecido no Brasil, garantir à companhia juros anuais de 7% sobre o capital investido.

(Tradução: Curt Willy Hennings)

Aconteceu...

Abril de 1990

DIA 1º. — Apesar do mau tempo foi elevado o número de pessoas que compareceram ao ato de inauguração da sede do CTG Rancho da Tradição, situada no bairro Tatutiba I, em Itoupava Central. Presentes também estiveram representantes de diversos CTGs catarinenses. Houve festividades que prosseguiram no dia seguinte. O CTG Rancho da Tradição é comandado por Isaias Felsky.

* * *

DIA 2 — Em concorrida solenidade realizada no salão nobre da Prefeitura Municipal de Blumenau, aconteceu a entrega, pelo prefeito Vilson Kleinubing, do cargo que até então exerceu, ao vice-prefeito Victor Fernando Sasse que, a partir de então passou a dirigir os destinos do município como prefeito efetivo. Vilson Kleinubing afastou-se para candidatar-se ao Governo do Estado nas eleições de outubro do mesmo ano. Por ocasião da solenidade, os destaques foram os pronunciamentos do prefeito e do vice-prefeito, sobre a administração efetuada e os planos de continuidade de governo, respectivamente.

* * *

DIA 2 — Trinta e um paraquedistas de elite da Brigada de Infantaria Paraquedista do Rio de Janeiro, estiveram em Blumenau para vários dias de treinamento no Aeroporto Quero-Quero.

* * *

DIA 4 — Nos treinamentos que efetuavam os paraquedistas da

Brigada de Infantaria do Rio de Janeiro, no aeroporto de Blumenau, o paraquedista de nome Denis Batista Lamas, de 27 anos, foi infeliz no salto que realizou, porque seu paraquedas não abriu no percurso dos quatro mil metros que teve de queda, caindo sobre uma residência e morrendo instantaneamente. O acontecimento consternou a população blumenauense.

* * *

DIA 05 — A imprensa (JSC) noticia que, com a extinção do DNOS, através das medidas do Plano Brasil Novo, criou-se sério problema para a população do Vale do Itajaí, em face da paralisação total das obras complementares que ainda estavam faltando para a conclusão da barragem de Ibirama. A paralisação das diversas obras, inclusive do desaçoreamento do rio Itajaí, nas proximidades de Gaspar, deu-se a partir do dia 19 de março.

* * *

DIA 7 — No Teatro Carlos Gomes apresentaram-se, com pleno sucesso, dois elencos alemães, num concerto de instrumentos de sopro. Foram eles: Friederich Held, com «Os Trompetistas de Augsburg» e a «Grassauer Blechbläserensemble».

* * *

DIA 18 — Foi lançado pela imprensa local, pela prefeitura municipal, o edital de concorrência pública para a construção da ponte que ligará o bairro Itoupava Seca, proximidades do Posto Tamarino, ao de Itoupava Norte, proximidades da Estação Rodoviária «Prefeito Hercílio Deeke», uma providência de há muito tempo aguardada pela comunidade blumenauense. No referido edital consta também a construção dos acessos à mesma ponte.

* * *

DIA 20 — No Pavilhão «A» da PROEB, em presença de numeroso público, com um ótimo programa de atrações, foi coroada Rainha da Oktoberfest-90, a jovem Patrícia de Mello, de 19 anos, e que obteve 106 votos. Patrícia é Miss Coty Brasil e havia conquistado o terceiro lugar no concurso Miss Santa Catarina 89.

* * *

DIA 21 — No Teatro Carlos Gomes, estreou, com a presença de numeroso público, a peça «Oh! Calcutá», um dos espetáculos mais montados e assistidos na Broadway e que já estivera em Blumenau em 1987.

* * *

DIA 23 — Em solenidade realizada no salão nobre da prefeitura, o

prefeito Víctor Fernando Sasse deu posse a quatro novos secretários, que foram: arquiteta Claudia Siebert, no Planejamento, Oscar Jenichen, na chefia do gabinete, Salézio Stahelin, no Desenvolvimento Econômico e Amauri Cadore, no Turismo.

* * *

DIA 26 — Na Galeria Municipal de Artes aconteceu uma concorrida noite cultural, promovida pelo Departamento de Cultura, com o lançamento simultâneo de seis livros: «Intenção Poética», de Jorge Barcellos Pereira; «A Sociedade do Futuro», de Paloma; «Habitat 2000», de Roberto Diniz Saut; «A Força da Sobrevivência», de Fausto Marioni e «Não», de Marcelo Riccardo D'Almeida.

Errata

Na edição de abril, seção «Aconteceu», ao registramos o falecimento do ex-prefeito Dr. Carlos Curtz Zadrozny, houve alteração no período de seu governo à frente dos destinos de Blumenau. Ele administrou nosso município de janeiro de 1966 até princípios de janeiro de 1970, passando então o cargo ao novo prefeito eleito, sr. Evelásio Vieira.

CARTAS

Do prezado colega Silveira Júnior, recebemos o seguinte:
«Florianópolis, 10/5/90

Meu caro José Gonçalves:

O número de abril corrente do B.C. está ótimo. Aquela nova seção sobre anúncios nos jornais antigos deve ser mantida, se dona Edith tiver paciência para procurar essa publicidade nos velhos jornais de Blumenau e Joinville. Bons tempos aquele em que o senhor Hering (deve ter um dos dois peixinhos...) pedia o pagamento de contas com 11 anos de idade. Imagine, José, essa mesma conta hoje com juros e correção monetária...

Mas quero me referir à carta da nossa confrade Urda Klueger, sobre o taiá. Também eu fui um comedor desse tubérculo e vou dar o meu testemunho. Lá em Rio Branco (Guaramirim) onde me criei, havia pelo menos duas espécies dessa arácea: uma que produzia tubérculos arredondados, pouco maiores que uma batata inglesa, e outra com algo como uma raiz, fina e comprida, mas com o mesmo gosto. Também as folhas eram comestíveis e o seu ensopado não se diferenciaria de um

prato de espinafre. Mas havia um taiá de folhas meio avermelhadas que eram muito urticantes e impróprias para consumo humano.

Nós lá em Rio Branco usávamos o taiá ralado para acrescentar à massa do pão de milho, juntamente com o cará aéreo, que chamávamos de cará-de-pão. Cozido, comíamos com café ou com melado.

Sobre o inhame (da mesma família) em Rio Branco não conhecíamos nenhuma espécie comestível pelo homem. Era ração para porco. Os pés cresciam quase sem nenhum cuidado às margens úmidas dos cursos de água e produziam uma raiz (aquilo será raiz, Urda?) enorme, de quase um metro de comprimento. Essa raiz, ou rizoma, ou seja lá o que for, tem a mesma consistência do tubérculo de taiá, mas, mesmo cozida arranha a boca. Nós cozinhávamos para dar aos porcos, mas nunca mais vi em nenhum lugar essa prática. Ninguém mais hoje cria porcos com inhame cozido. Ou alguém cria?

Um abraço do

Silveira Júnior

APICULTURA



Caso das Abelhas

Der Urwaldsbote - Nº. 21 - Sábado, 17 de novembro de 1900
Ano 8

«Enviado.

Quando hoje eu me manifesto publicamente na tão comentada questão das abelhas, não desejo que isto se torne um «fraseado jornalístico», como o desejam muitos produtores de açúcar, sob cuja visão talvez escreveu o senhor H. Hadlich. Depois que eu fui atacado aqui por «colonos açucareiros anônimos» o senhor H. Hadlich clareia um pouco a escuridão e termina sua «filosofia» com um «Pfui»!

Prezado senhor Hadlich, eu inicio minha réplica a suas manifestações, que mostram desconhecimento ou maldade com um Pfui! O senhor não conseguirá eliminar do mundo, o reconhecido fato, que o

chamado «melado de cadáveres» já era vendido durante anos. Eu poderia trazer-lhe testemunhos, que um «colono açucareiro» que há 42 anos (tanto quanto o senhor) fabrica açúcar e certa vez vendeu o melado no qual cozinhou um gato morto e o resto preparou para cachaaça, provavelmente para tornar o gosto da bebida um pouco mais picante. Um outro vendeu «melado de cadáver de gambá» e os filhos deste higiênico fabricante perguntaram alguns dias depois ao comprador se o molho de gambá tinha sido gostoso.

O senhor quer mesmo a verdade — o senhor é realmente tão ingênuo e infantil — então, o senhor procure na Colônia mais destes exemplos e os mesmos o aniquilarão.

Senhor H. Hadlich se o princí-

pio destes fabricantes de açúcar é realmente trazer ao mercado um produto mais ou menos puro, então esta questão de abelhas não teria causado tal tempestade. Pois com uma despesa mínima esta acusação justa dos apicultores poderia ser solucionada. Mas os violentos opositores, são só aqueles, que em sua porcaria — eu uso aqui esta expressão dos muitos açucareiros — se sentem bem e só babo-seiam de princípios ideais e não querem despertar de hábitos insensatos. Também a avareza talvez tenha um papel primordial em um ou outro açucareiro que ali manipula, arruinando as malditas abelhas toda sua existência e tem também — bem como o senhor — emprestado dinheiro a juros. Um medo terrível de gastar alguns vinténs para uma instalação nova leva estes senhores a tais declarações como nós ouvimos. E certamente o senhor acredita que os apicultores estão cientes, de que os «colonos açucareiros», nesta sua atual instalação são encontrados pelas abelhas e também prejudicados. Mas justamente por isto deveria acontecer uma discussão pacífica de ambas as partes.

Já há muito tempo nosso inspetor sanitário deveria ter agido contra tal comercialização nojenta dos tais chamados molhos de cadáver. Talvez agora muitos «açucareiros» e o senhor Hadlich consigam isto através do seu protesto pouco sábio.

Além disto o senhor H. Hadlich comunica que durante 32 anos foi amigo das abelhas e agora inimigo.

Brrr — oh! Pobres abelhas!

O senhor permita que eu duvide da veracidade de suas palavras. Somente a avareza, pode repentinamente hostilizar esta tão útil população de abelhas, que são incansáveis em seu trabalho, depois que **nota bene** durante 32 anos foi seu simpatizante. É uma ingratidão sem limites contra estes benfeitores, que por 32 anos lhe trouxeram sua colheita e gratificaram seu esforço. E as abelhas em 32 anos nunca roubaram açúcar ou melado? Certamente não do seu, do contrário não teria sido um amigo por 32 anos.

O apicultor deve proteger o «açucareiro» contra as abelhas. Quem protege o colono das tropas de gado, cavalos ou seja lá que animais que vêm da serra? Todos com cercas adequadas. Vocês colonos, se tornam também inimigos do gado, quando uma rês penetra uma vez em suas plantações, recusando-se em comer carne de gado. Isto é vingança contra o malvado gado, porque matá-los não podem, como às pobres abelhas.

Isto senhor Hadlich é minha resposta como amigo das abelhas e agora eu passo ao como associado do Volksverein.

Por diversas vezes o Volksverein, e respectivamente sua diretoria foi acusada nesta questão.

Em primeiro lugar o senhor H. Hadlich declara que o senhor foi sócio do Volksverein. Graças a Deus! Um velho ditado diz: de amigos falsos me guarde Deus! Com meus inimigos eu mesmo resolvo o assunto. De que o senhor acusa tudo a Sociedade e sobre que o

senhor está informado, para mim é um enigma, caso não se possa qualificá-lo de maldoso. Quando o senhor baboseia de calúnia por parte da sociedade e exige uma retratação, então se deve duvidar de sua sanidade mental ou o senhor não entende a palavra «calúnia». Ou alguns rapazes maldosos o sopraram no ouvido do senhor? O senhor tem um delegado morando em sua rua, por que não deixa que o informem com exatidão, antes de publicar tal bobagem? Nunca a Sociedade, e sua diretoria tomou partido — ele não convocou — por este motivo propôs uma reunião, de todos os apicultores e produtores de açúcar para uma discussão e união amigável dos dois partidos.

O senhor não sabe o que a sociedade pretende? Muito bem, isto eu lhe posso dizer: Ele está esforçado de criar para todos seus associados o direito e o bem estar social, e todos os que são corretos o apoiarão. Havia no início, também pessoas que se faziam sócios do Volksverein, para lá dentro intrigar, prejudicá-lo e se possível desintegrá-lo. Estes agora devem ter reconhecido seus erros, e «graças a Deus» saíram, porque não era um campo lucrativo para eles. Será que o senhor acredita realmente senhor H. Hadlich que consiga colocar mal o Volksverein, que em pouco tempo se tornará um Volkspartei». Que o senhor conseguiu alguma vantagem ainda podemos em dúvida. E agora «Passe bem!» Para mim o assunto com o senhor está encerrado.

Ass.: E. Schaefer».

Produtores — Reunião Volksverein

Der Urwaldsbote - Nº. 22.
Sábado, 24 de novembro de
1909 - Ano 8

Protocolo da reunião de apicultores e produtores de açúcar de 4 de novembro de 1900.

O pró e contra que os dois partidos tinham a apresentar, já foi suficientemente divulgado nos jornais. A reunião em si foi pacífica. Depois de curto debate, chegou-se **à conclusão, que** para todas as partes, isto é, os **apicultores, os produtores de açúcar** e o público comprador de melado, seria preferível se os **produtores protegessem suas vasilhas de melado** com um preparativo adequado **contra abelhas e outros animais**. Um dos produtores presentes disse que tinha visto tal preparativo num fabricante de açúcar no Garcia, que era muito bom e também barato. Além deste o referido produtor havia vendido seu melado sempre com dois vinténs mais caro por garrafa, do que o preço comum, e os compradores sem reclamar pagavam este preço mais alto, porque sabiam que adquiriam um produto limpo.

Foi resolvido, não elaborar uma lei sobre proteção as abelhas por enquanto, mas deixá-lo por conta do espírito de limpeza dos produtores de açúcar, em fechar adequadamente seus recipientes de melado e apelar para seu sentimento de não envenenar as abelhas, com fermento e açúcar. Nesta reunião, foi expressado que os produtores, certamente tinham estes desejos voluntariamente; se no entanto elaborássemos uma lei ela se tornaria remittente. Enfim tal lei, sob as circunstâncias locais, seria difícil de realizar.

Ass.: A Diretoria do Volksverein».

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nr. 1835, de 7 de abril de 1972.
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nr. 2.028, de 4/9/74.
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nr. 6.643, de 3/10/85.
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nr. 42.002219/87-50,
instituído pela Lei 7.505, de 2/7/86.

83015 B L U M E N A U

Santa Catarina

INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO:

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", MANTÉM:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"
Museu da Família Colonial
Horto Florestal "Edite Gaertner"
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"
Tipografia e Encadernação

CONSELHO CURADOR: Presidente — Frederico Kilian; vice-presidente — Urda Alice Klueger.

MEMBROS: Julio Zadrozny — Sra. Ilse Schmider — Martinho Bruning — Ernesto Stodieck Jr. — Ingo Wolfgang Hering — Nestor Seara Heusi — Rolf Ehlke — Arthur Fouquet e Frank Graff.

DIRETOR EXECUTIVO: José Gonçalves

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA